

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS  
CAMPUS DE ARARAQUARA - SP

IZELMA DE SOUZA COSTA

**ANALISE DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA EM  
EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROFESSORES/AS DE  
CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE ESCOLAS  
ESTADUAIS DE MACAPÁ/AP**



Araraquara – SP.  
2016

IZELMA DE SOUZA COSTA

# **ANALISE DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE ESCOLAS ESTADUAIS DE MACAPÁ/AP**

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores.

**Orientadora:** Andreza Marques de Castro Leão

**Bolsa:** Governo do Estado do Amapá

ARARAQUARA – SP.  
2016

De Souza Costa, Izelma

Análise da Formação e da prática em Educação Sexual de professores/as de Ciências e Biologia de Escolas Estaduais de Macapá/AP / Izelma De Souza Costa – 2016  
115 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Andreza Marques de Castro Leão

1. Educação Sexual. 2. Formação de professor. 3. Ensino de Ciências e Biologia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

IZELMA DE SOUZA COSTA

# **ANALISE DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE ESCOLAS ESTADUAIS DE MACAPÁ/AP**

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na Formação de Professores.

**Orientador:** Andreza Marques de Castro Leão

**Bolsa:** Governo do Estado do Amapá (Nº 5987 de 14.10.2014).

Data da Defesa: 15/ 07 /2016

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Andreza Marques de Castro Leão e título  
Faculdade de Ciências e Letras/ UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular:** Luci Regina Muzzetti  
Faculdade de Ciências e Letras/ UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular:** Wélson Barbosa dos Santos  
Universidade Federal de Goiás.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho as pessoas que acreditam em  
mim e nos meus sonhos, meu pai José, minha mãe  
Maria Rita e minha vó Maria.*

## AGRADECIMENTOS

Penso que é muito pouco provável se alcançar uma vitória, absolutamente, sozinha. Sempre existirão pessoas para nos ajudar em nosso caminho. Por isso, quero agradecer aos que me ajudaram a concluir este trabalho.

Em primeiro lugar agradeço à Deus pela vida rica em oportunidades e por colocar pessoas muito generosas em minha vida;

À minha família pelo apoio incondicional a tudo que me proponho a fazer, em especial ao pai que Deus me deu, José de Souza Costa, talvez, a pessoa que acredita nos meus sonhos mais que eu mesma;

A Unesp por ofertar um curso inédito no país e acessível a profissionais de diversas áreas do conhecimento;

À minha orientadora, Andreza Marques de Castro Leão, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos, por delinear minha formação, por sua postura humilde e compreensível e, sobretudo, por seu exemplo de humanidade com todos, independente da posição ou das circunstâncias;

Ao professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro pelo generoso acolhimento, pela oportunidade no mestrado e por todas as sugestões ao meu trabalho;

À todos os professores do curso de Educação sexual com os quais tive a oportunidade de conviver, me desconstruir;

Ao Professor Welson Barbosa Santos por todas as valiosas sugestões e contribuições a este trabalho, e por seu ato de generosidade em deslocar-se, voluntariamente, para participar e somar mais uma vez com meu crescimento;

À professora Luci Regina Muzzetti por todas as gentilezas que sempre dedicou a mim, dicas de comportamento acadêmico e por aceitar colaborar com este trabalho;

As professoras Célia Regina Rossi e Mary Neide Damico Figueiró, pela gentileza em colaborar e avaliarem meu roteiro de entrevista;

À todos os diretores, coordenadores pedagógicos e especialmente aos professores, de Ciências e Biologia que gentilmente concederam as entrevistas;

À toda a família Ramos em Macapá, São Paulo e em São Joaquim do Pacuí, pelo apoio, em especial à Bel, Eliane, Sheila Ramos e a minha querida Maricá Ramos;

Aos meus colegas de trabalho da Escola Estadual Mari Mirian dos Santos Cordeiro Pontes pelo apoio e torcida;

À Bibliotecária Elaine Teixeira Batista, por me auxiliar todas às vezes em que precisei de sua colaboração;

À Gisele Nobre de Souza, a primeira pessoa que me apontou a sexualidade como área de estudo e de encontro comigo mesma;

Ao Governo do Estado do Amapá, pela minha manutenção financeira na cidade de Araraquara;

A Secretaria de Educação do Estado do Amapá, Professora Elda Gomes Araújo e ao Diretor da Escola de Administração do Governo do Estado do Amapá por deferirem favoravelmente minha licença para estudos fora do Estado;

E a todos os meus ex-alunos, por me ajudarem a ser uma pessoa mais tolerante, mais paciente todos os dias.

*“Somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável”*

*Paulo Freire, (1996, p. 19).*



## RESUMO

O presente estudo buscou conhecer a formação e a prática em educação sexual e sexualidade dos/as professores/as de Ciências e Biologia de algumas escolas estaduais de Macapá. Para tanto, empregou a pesquisa qualitativa. Assim, para a escuta dos/as participantes, optou-se pelo emprego de entrevistas semiestruturadas. Os resultados obtidos apontam que a maioria dos/as professores/as não recebeu nenhum tipo de formação acerca desta temática durante a formação inicial. Dentre os/as que afirmaram ter obtido alguma instrução acerca da educação sexual, constatou-se que esta foi de natureza estritamente biológica com enfoque nos caracteres anatômicos, fisiológicos e embriológicos. Identificou-se também que, embora a secretaria de educação do estado do Amapá possua um departamento cuja função é auxiliar o/a professor/a com as questões que envolvem a sexualidade, nas escolas da rede estadual até o momento não existe, na prática, nenhum programa ou curso de formação continuada para o/as profissionais que se disponibilizam ou tem interesse em trabalhar com as questões envolvidas pelo tema. Assim, devido a falta de conhecimentos básicos em sexualidade, os/as professores/as apenas reproduzem conteúdos que se distanciam das necessidades e envolvimento do/as alunos/as. Por isso, sugere-se o investimento maciço na formação continuada dos/as professores/as de Ciências e ou Biologia da rede estadual de educação da citada cidade no que se refere à sexualidade, sobretudo, direcionada aos profissionais que já se encontram atuando, de maneira a afiançar profissionais aptos a atuar com educação sexual no citado estado. Além disso, urge mais estudos e pesquisas que possam colaborar para a compreensão e viabilidade da educação sexual nas escolas de Macapá e, por conseguinte do Estado do Amapá.

**Palavras-chave:** Educação sexual. Formação de professor/a. Ciências e Biologia.

## ABSTRACT

This study was done to analyze the achieved training and work experience in sex education and sexuality of teachers of Science and Biology of some public state schools in Macapá (North of Brazil). Therefore the qualitative research was used. Thus, to interview the participants, the semi-structured interview method was used. The results indicate that most teachers did not receive any training on this subject during their graduation. Among those who claimed to have obtained some education about sexual education, it was found that this tuition was strictly a biological nature with focus on anatomy, physiology and embryology. It was also identified that in the Amapá state, the public education department has a subdivision whose role is to assist teachers with doubts regarding sexuality in schools, despite that, by now it does not exist in practice a program on continuing education course for professionals who are interested in working with the issues that this theme brings. Thus, due to the lack of basic knowledge on sexuality, the professionals only talk about contents that are not correlated to the needs of the students. Hence, many investments in continuing education in sexuality are suggested for teachers of Science and or Biology in the state of the mentioned city, especially directed to professionals who are already working with it as a way to support professionals able to work with sex education in that state. There should also be more studies and research that can contribute to the understanding and viability of sex education in schools of Macapá and consequently the State of Amapá.

**Keywords:** Sex education. Teacher training. Science and Biology.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Caracterização das/os participantes .....	47
<b>Tabela 2</b> - Presença ou ausência de discussões sobre o tema durante a graduação .....	52
<b>Tabela 3</b> - Conteúdos sobre sexualidade discutidos durante a graduação .....	53
<b>Tabela 4</b> - Disciplinas que propiciaram as discussões sobre o tema sexualidade durante a graduação. ....	55
<b>Tabela 5</b> - Instrumentos utilizados para subsidiar a educação sexual na graduação.....	56
<b>Tabela 6</b> - Sentiu faltam de discussões sobre sexualidade na graduação.....	58
<b>Tabela 7</b> - Esclarecimento do que é a educação sexual durante a graduação e de como implementa-la na escola.....	59
<b>Tabela 8</b> - Compreensão e esclarecimento do conceito de educação sexual para a prática em sala de aula .....	61
<b>Tabela 9</b> - Subsídios usados em sala de aula pelo/as professore/as de Ciências e Biologia...	62
<b>Tabela 10</b> - Dificuldades encontradas no trabalho com a educação sexual na escola .....	63
<b>Tabela 11</b> - Participação em eventos sobre educação sexual.....	66
<b>Tabela 12</b> - Refere-se ao conceito de educação que o/as professore/as possuem.....	68
<b>Tabela 13</b> - O/a professor/a responsável pela educação sexual na escola segundo os/as entrevistados/as .....	71
<b>Tabela 14</b> - Indica a participação ou não em cursos de formação continuada em educação sexual .....	74
<b>Tabela 15</b> - Conteúdos trabalhados pelos/as professores/as em educação sexual nas aulas de Ciências e Biologia .....	77
<b>Tabela 16</b> - Principais demandas observadas na escola pelas/os professoras/es .....	79
<b>Tabela 17</b> - Sentimento de capacitação para atuar com a educação sexual em sala de aula...	81
<b>Tabela 18</b> - Livros didáticos ou paradidáticos que abordam de forma adequada a educação sexual para os/as professores/as .....	82
<b>Tabela 19</b> - O papel da escolar frente à educação sexual.....	84
<b>Tabela 20</b> - O projeto Político Pedagógico da escola possui uma proposta de educação sexual .....	86
<b>Tabela 21</b> - Conhecimento dos/as professores/as sobre a existência ou não da proposta de educação sexual pela secretaria de educação do Estado do Amapá .....	88

<b>Tabela 22</b> - Se o professor/a se sente preparado para lidar com o tema e os documentos legais que se apoia para este trabalho .....	90
<b>Tabela 23</b> - Como as/os aluna/os são atingidas/os com as propostas de educação sexual. ....	92
<b>Tabela 24</b> - Como as famílias são envolvidas nas propostas de educação sexual .....	93
<b>Tabela 25</b> - Refere-se à existência ou não de conflitos entre as/os professoras/es e a comunidade escolar quando as atividades envolvendo a sexualidade .....	95

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Apresentação .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Educação e sexualidade .....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Vertente biológica da educação sexual.....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 A educação sexual .....</b>	<b>27</b>
<b>1.5 A educação sexual no contexto escolar .....</b>	<b>30</b>
<b>1.6 Visibilidade da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais .....</b>	<b>34</b>
<b>1.7 A formação do professor de Ciências e Biologia.....</b>	<b>37</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>43</b>
<b>2.1 Objetivos .....</b>	<b>44</b>
<b>2.2 Método.....</b>	<b>44</b>
<b>2.3 Local .....</b>	<b>45</b>
<b>2.4 Participantes .....</b>	<b>45</b>
<b>2.5 Instrumento .....</b>	<b>47</b>
<b>2.6 Procedimentos éticos.....</b>	<b>49</b>
<b>2.7 Procedimentos de coleta de dados .....</b>	<b>49</b>
<b>2.8 Procedimentos para análises dos dados .....</b>	<b>50</b>
<b>3 RESULTADOS E DUSCUSSÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 Trajetória de formação.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 Atuação profissional .....</b>	<b>68</b>
<b>3.3 Contexto escolar .....</b>	<b>80</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM ANÁLISE DE CONVERSAÇÃO .....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe-se em três sessões que contemplam a organização do mesmo. Assim, na primeira sessão é feita, inicialmente, uma explanação acerca do meu interesse pela educação sexual, na qual faço uma breve descrição de minha trajetória de envolvimento com o assunto, para depois adentrar no aporte teórico que sustentam a pesquisa.

Posteriormente, é feita uma ilustração generalizada sobre o processo de educação, destacando conceitos básicos, bem como, as diferenças dos processos de educação. E dentre esses processos de educação a inserção educação sexual como parte do desenvolvimento para uma vivência completa e humana de acordo com seu tempo e grupo social.

Para compreender, em parte, como os/as professores/as de Ciências e Biologias foram mitificados como os mais apropriados para o trabalho com a educação sexual foi necessário buscar alguns esclarecimentos de natureza histórica sustentada por concepções biológicas que foram arraigadas por intenções médico preventivas dos estados que perduram até a atualidade, conferindo a educação sexual uma vertente biológica aparentemente predominante nas aulas das/os professoras/es já citadas/os.

Em seguida, se faz uma breve explicação em relação à educação sexual nos lugares onde ela se processa como ocorre, assim como, do papel da escola nesse transcurso, apontando como a sexualidade se faz presente no cotidiano escolar, independente da existência ou ausência da educação sexual desenvolvida pela escola.

Seguidamente fala-se na educação sexual no contexto escolar propriamente. São levantadas razões para efetivá-la no ambiente escolar, demonstrando como as demandas são recorrentes através do comportamento dos/as alunos/as, da postura das/os educadoras/es, pedagogos/as, coordenadoras/es e funcionários/as, assim como, na linguagem não verbalizada que de alguma forma colaboram para a perpetuação dos mitos, preconceitos, estereótipos e discriminações que perpassam pela escola e se difundem na sociedade.

Posteriormente, procurou-se destacar a educação sexual a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando surgem diretrizes e orientações para trabalhar a temática na escola, destacando o papel da/o professora/o. Por isso, também foi necessário fazer uma discussão acerca da formação do/a professora, e especialmente, de Ciências e Biologia, uma vez que podem oferecer grandes contribuições a viabilidade da educação sexual na escola.

Após esses elementos de cunho teórico, na segunda sessão, são explanadas as características específicas do trabalho, na qual são descritos procedimentos adotados para a escolha do local, participantes; assim como sua descrição destes, também são apresentados os objetivos, procedimentos éticos, procedimentos metodológicos de coleta de dados e de análise dos dados.

Já na terceira sessão, são exibidos os resultados e as discussões provenientes da análise do material coletado. Por conseguinte, têm-se as conclusões e sugestões do trabalho, bem como, os anexos e apêndices decorrentes da execução da pesquisa.

## **1.1 Apresentação**

Meu interesse pela educação sexual começou em 2009 na cidade de Laranjal do Jari, Estado do Amapá, quando trabalhava com educação infantil e ainda estava cursando a licenciatura em Ciências Biológicas. Naquela ocasião, fui orientada a executar atividades da disciplina Prática de Ensino sob o acompanhamento das/os professoras/es das disciplinas de Ciências e Biologia da escola campo nos três turnos.

Logo percebi que era frequente nas turmas do período noturno a presença de alunas grávidas ou acompanhadas de seus bebês nas salas de aula. Tal fato se dava porque a instituição estava localizada em uma área de prostituição tão intensa que entre as décadas 1980 e 1990 foi considerada o maior prostíbulo do Brasil, que por sua vez, situava-se dentro da maior favela fluvial do planeta.

E, enquanto aluna do curso de Ciências Biológicas logo imaginei que além da gravidez, as alunas contraíam diversas doenças sexualmente transmissíveis (DST). Neste contexto, decidi que faria do meu trabalho de conclusão de curso uma investigação a respeito da incidência de vulvovaginites (inflamação da vulva causadas por diferentes micro-organismos) entre as alunas do Ensino Médio.

Contudo, para um trabalho desta natureza é necessário muito mais que interesse, já que envolve a pessoa humana e, neste caso específico, a maioria era menor de idade. Então, por saber que um trabalho desta natureza envolve uma série de medidas e cuidados adotados para atender as rígidas exigências dos comitês de ética, o trabalho foi abandonado. Porém, eu já estava envolvida com as questões da sexualidade no ambiente escolar. Por isso, decidi que meu trabalho seria uma investigação com as/os professoras/es do Ensino Médio daquele Município. Eu queria saber se frente aos fatos relacionados à sexualidade que atingiam a escola os/as professores/as de Biologia realizavam algum tipo de educação sexual que pudesse efetivamente atingir os/as alunos/as, considerando como pressuposto a existência da Orientação Sexual contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os resultados deste estudo apontaram que por diversas razões a educação sexual não estava presente nas aulas dos/as professores/as de Biologia nas quatro escolas de ensino médio que o município possuía naquele momento.

O melhor resultado que obtive neste estudo foi a inquietação deixada por um professor do noturno ao devolver-me o questionário. Segundo ele, a ideia do trabalho era muito boa, mas não deveria ser direcionada para os/as alunos/as do Ensino Médio, tampouco para as/os aluna/as do noturno, haja vista que ali todos/as já eram adultos/as, muitas/os eram mães ou pais assim, não havia mais o que ser feito em termos de Educação Sexual para aquele grupo de alunos/as e que por isso ele não a realizava com seus/as alunos/as. Acrescentou, ainda, que meu trabalho seria muito interessante se direcionado para o Ensino



Fundamental, uma vez que é composto por alunas/os que estão “descobrimdo” a sexualidade, são curiosas/os e cheias/os de dúvidas. Assim, sem experiência em fazer pesquisas e, principalmente, sem argumentos para discutir com o professor calei-me e guardei a fala dele.

Em 2011, na cidade de Macapá, ministrando aulas de Ciências e, sobretudo, observando e conhecendo os segredos das/os alunas/os, comecei a fazer o Curso de Metodologia do Ensino de Biologia e Química, na modalidade à distância, no qual tive que escrever um trabalho final para concluí-lo. Ainda com a fala do professor “guardada” decidi esclarecer essa dúvida. Esbocei um projeto e tentei desenvolvê-lo no meu próprio local de trabalho com o propósito de conhecer o que os/as alunos/as do 9º ano do Ensino Fundamental compreendiam por sexo, sexualidade, função do preservativo, nome “correto” da genitália. Contudo desisti porque percebi que eles tinham curiosidades que aquele trabalho não contemplaria, e principalmente, porque até aquele momento eu achava que quem precisava de esclarecimentos acerca da sexualidade e suas manifestações na escola eram unicamente os/as alunos/as. Todavia, com este trabalho percebi que as/os professoras/es também precisavam de auxílio posto que as informações, ofertadas nas aulas (inclusive nas minhas aulas de Ciências), relacionadas ao tema, não atingiam de forma significativa os/as alunos/as, tampouco contribuíam no sentido de sensibilizá-los/as com a vivência da sexualidade destes/as.

Mais uma vez esbocei outra ideia para saber se as/os professoras/es de outras disciplinas conseguiam desenvolver algum trabalho relacionado à temática com os seus/as alunos/as. Os resultados mostraram que apenas as/os professoras/es de Ciências afirmavam trabalhar a educação sexual em suas aulas. Além disso, os/as professores/as de outras disciplinas sinalizaram através de suas respostas que é esta/e a/o profissional responsável pela educação sexual na escola.

A partir deste trabalho, comecei a considerar que o maior entrave para trabalhos voltados para a educação sexual era a formação do/a professor/a, não só o de Ciências ou Biologia, mas de todas as disciplinas.

Deste modo, em 2013 ainda inquieta com as minhas dúvidas e pesquisando sobre o tema na internet vi o *link* de uma notícia no qual afirmava que havia sido aprovado o primeiro curso de Mestrado em educação sexual no Brasil. Li a matéria e para obter mais informações entrei em contato com a universidade através do *e-mail* disponibilizado em sua própria página sobre o curso. Quem respondeu, de forma muito acolhedora e incentivadora, foi o Professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, coordenador do referido curso, informando sobre os procedimentos para a seleção do mestrado. A partir de então passei a monitorar diariamente a publicação do edital e das fases de seleção até alcançar a aprovação em 2014.

Enfim, o trabalho aqui apresentado é especificamente sobre a formação da/o professora/o de Ciências e Biologia porque a educação sexual, muito embora esteja legalmente amparada, por diversos motivos, ainda é um tema muito polêmico na escola, passivo de muitas discussões e intervenções. É necessário aproveitar as “brechas” da legalidade e os discursos recorrentes na escola para abraçá-la e obter, assim, resultados positivos. Portanto, se, em geral, se aponta os/as professores/as das disciplinas já citadas para executá-la, é necessário investir na formação inicial e continuada destas/es profissionais de maneira que elas/es possam inaugurar o papel de educador/a sexual nas suas unidades escolares e, a partir disso, incentivar outras/os professoras/es a colaborarem de forma interdisciplinar com a viabilidade da educação sexual na escola.

## **1.2 Educação e sexualidade**

A educação é um processo capaz de abraçar uma diversidade de valores, concepções posto que nela as pessoas se constroem e se reconstróem a todo momento. Isto ocorre em

virtude de que não existe uma única forma de educação, e, sim, vários processos de “educações” sob os quais ninguém se exime (Brandão, 1982). Essas “educações” inferem sobre o comportamento produzindo características próprias e peculiares que se expressam a todo o momento em cada pessoa.

Estas se revelam nas práticas sociais dos indivíduos por meio das relações humanas institucionalizadas ou não. No entanto, sempre apresentaram significação e ressignificação na evolução de cada pessoa a partir de suas próprias experiências. Neste sentido, Pimenta (2012) declara que,

A educação é um processo de humanização; que ocorre na sociedade humana com finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante. Enquanto prática social é realizada por todas as instituições da sociedade. Enquanto processo sistemático e intencional ocorre na escola. (p. 24).

As práticas sociais, por sua vez, denotam os aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e até mesmo ideológicos do momento histórico, os grupos sociais nos quais a pessoa está inserida. E, desta forma, são criados múltiplos processos que favorecem a aprendizagem, o ensino e as relações dos indivíduos consigo mesmos e com os demais.

Tais processos devem refletir os contextos das realidades vividas pelo/as sujeito/as porque ocorrem de maneira ininterrupta, variando apenas na configuração em que se apresentam ora formal, em outra informal.

De acordo com Libâneo (2013) a educação informal é aquela que se apresenta pelo viés das relações e experiências não institucionalizadas. Já a educação formal, caracteriza-se por apresentar elementos pré-estabelecidos por organismos governamentais em que há claras intenções, objetivadas em planejamentos a serem executados em local adequado e obedecendo a prazos limítrofes.

Sob a ótica do atual modelo social em que se vive, a escola é a instituição social já consolidada historicamente como um lugar de ensino, de aprendizagem e de convívio social, em que muitas relações são estabelecidas, sendo também um lugar no qual a educação formal acontece. Nas exposições de Pimenta (2012) consta que a educação escolar visa fundamentalmente a humanização dos/as sujeitos/as e sustenta-se pela ação da/o professor/a em favor da/os aluna/os.

Educação escolar, por sua vez, está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos, cuja finalidade é contribuir para o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar destes com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social, crítica e transformadora. (Pimenta, 2012, p. 25).

Por isso nela é possível agregar e congregar significativas reflexões e discussões sobre os diferentes temas que abrangem as características e peculiaridades nos mais variados aspectos das subjetividades que caracterizam a natureza humana do/a sujeito/a que a frequentam.

Dentre estes aspectos um que requer atenção é a sexualidade que segundo os escritos de Maia e Ribeiro (2011) está delineada como um componente indissolúvel da condição humana de qualquer indivíduo. Além disso, seus reflexos e manifestações nas diferentes etapas da vida estão condicionados as formas como a pessoa se constrói e se expressa.

Ela caracteriza-se também como um dos componentes humano fundamental capaz de influenciar ou até mesmo determinar experiências, identidades, concepções, valores, entre outras singularidades na vida de cada pessoa. Por isso a escola, precisa assumir a educação sexual como parte dos componentes cotidianamente desenvolvidos em sala de aula por professoras/es comprometidas/os com a questão. Vale lembrar que a escola abriga e auxilia na construção e na interação da diversidade e de gênero em seu espaço. Por sua vez, o gênero está entendido como um constructo histórico e social para dar significação às relações de

poder (Scott, 1995) que circulam e condicionam as identidades aos conceitos normativos e segregadores da saúde.

Portanto, é necessário prover a discussão deste assunto entre professoras/es no intuito de orientá-las/os a conduzir o processo de ensino aprendizagem de forma mais pertinente com os processos de transição nos conceitos e valores deste momento histórico e social em que alunas/os e professores/as estão imersos. Desta forma, é possível que o/a aluno/a desenvolva concepções e posturas mais tolerantes que reconheçam na diversidade, o próprio direito de escolha e o direito da coletividade. Partilhando de concepção semelhante, Figueiró (2014) sinaliza que:

A sexualidade é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é também culturalmente determinada. As informações sobre ela precisam envolver reflexão tanto individual quanto coletiva, pois é esse exercício que permitirá que ao/à educador/a se reconhecer como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações mais saudáveis e positivas, e capaz, ainda de identificar possibilidades de interferir positivamente no curso de sua vida e da coletividade. (p. 19).

Um tema tão relevante como este requer muita atenção e cuidado para ser abordado, uma vez que sexualidade é subjetiva. Sendo assim, é interpretada e vivenciada de forma muito peculiar por cada um. Por isso, falar sobre ela de maneira formal e institucionalizada não é tarefa simples, frequente ou acessível a todos. Já de maneira informal, ela permeia todas as experiências vivenciadas a todo momento e em todos os lugares pelo indivíduo. Aliás, a educação sexual também pode apresentar-se implícita ou explicitamente de maneira formal e informal, mas sempre terá uma intencionalidade.

Vitiello (1997) aponta as diferenças entre a educação sexual formal e a informal mencionando que:

A educação sexual feita de maneira informal e espontânea, sem planos rígidos estabelecidos, é aquela propiciada pela família e outras instituições sociais, como religiões, por

exemplo. Nesse tipo de educação busca-se que as pessoas passem a ter um comportamento assumido por imitação... Na qual todos somos submetidos. A educação sexual formal, intencional, é aquela que é fornecida pelo sistema institucionalizado de educação, ou seja, pela pré-escola, pela escola, pela universidade, enfim, pelas instituições oficiais de ensino. Nela se observam características de intencionalidade, além de estratégias de ordenação gradativa de conhecimento e de toda a tecnologia educacional. (p.101).

De maneira geral, ao tocar neste assunto tem-se uma forte tendência de enveredar para as questões ligadas ao ato sexual propriamente dito ou ainda para os tratamentos profiláticos e/ou curativos em relação do corpo humano. Ainda não está claro para muitos/as profissionais que a educação sexual é um processo de formação de atitudes referentes a formas de viver a sexualidade. Os problemas que envolvem a sexualidade não decorrem da falta de informação quanto aos métodos de prática sexual segura, e sim, falta de atitudes e comportamentos coerentes de como utilizá-los (Vitiello, 1997).

“Desde que o mundo é mundo, seres humanos e outros animais são dotados de corpos sexuados” (Chauí, 1984, p. 9). Entretanto, por razões históricas a sexualidade dos corpos vem sendo negada ou camuflada por razões nem sempre tão claras.

O que se difundiu e ainda persiste em muitas situações e relações humanas é que o corpo propicia o ato sexual manifestado pela matéria ou em seus fragmentos anatômicos. Nesse contexto o foco é centralizado no próprio ato sexual.

Ribeiro (2013) profere que as inquietações sexuais são analisadas sem os olhares que envolvem também o caráter social e político no qual muitas relações de poder e de gênero favorecem dominação daqueles que objetivam controlar os demais. Neste sentido, as discussões em torno destes temas que podem contribuir para conter o preconceito e os estigmas de natureza sexual que nem sempre estão claramente postos como negligenciadores dos direitos e da dignidade humana, ao contrário, são sutilmente colocados na linguagem e nos comportamentos apresentados, controlados e/ou reprimidos na escola. É por isso que a

educação sexual não pode limitar-se apenas as questões biológicas, curativas, profiláticas e reprodutivas.

Nas “espécies menos evoluídas, a sexualidade é um extinto muito estereotipado, que se manifesta em comportamentos pré-programados. A função de reprodução é tão determinante que as fêmeas só aceitam a relação sexual quando estão em condições de reproduzir.” Valladares (2001, p. 20). Entretanto, na espécie humana são adicionados elementos da subjetividade de cada pessoa como valores, visão de mundo, parâmetros de cunho psicológico, que envolvem informações e formação incorporadas em momentos e condições únicos por cada um.

Acerca disso, Ribeiro (2013) informa que há na sexualidade elementos que se revelam capazes de desencadear segredos que envolvem o prazer, o poder e também o saber do corpo. Além disso, em cada fase da vida a sexualidade, em conjunto com outros componentes que constituem a identidade, a personalidade das pessoas, irá suscitar sentimentos, emoções, alterações no corpo, na forma de pensar, enxergar a si próprio típicos daquela fase. Em consonância com este pensamento Valladares (2001) atesta que:

A sexualidade é entendida como algo constitucional, que se manifesta desde o momento do nascimento até o momento da morte, com diferentes características a cada etapa do desenvolvimento ..., É construída ao longo da vida, encontra-se marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (p. 41).

Em vista destas razões, a sexualidade e suas manifestações são indissociáveis do ambiente escolar, muito embora seja um assunto fortemente presente na escola com claras evidências nas ações, atitudes e posicionamentos de seus frequentadores. De maneira geral, este ainda é um tema pouco discutido nas escolas, assim, é através do silêncio que a escola demonstra que este é um tema que não deve entrar no seu interior, e, assim, confere validade a repulsa com a qual a escola trata a sexualidade, como afirma Leão (2009).

Assim, sob essa lógica a única forma em que é possível tocar em temas que de algum ponto de vista são considerados polêmicos, ou que fujam aquilo que se propõe como modelo para a sociedade e em especial para os/as alunos/as, é através das brechas que a educação permite. E é indiscutível que a educação sexual possui na Biologia uma abertura que permite as/os professoras/es desta área de conhecimento a ruptura com os padrões estabelecido a fim de oferecer ao/a aluno/a uma visão ampla, humanística e tolerante com as questões da sexualidade.

### **1.3 Vertente biológica da educação sexual**

De acordo com Barp (2010, p. 44) “o ser humano cultural e biologicamente formado vive atualmente um momento bastante distinto do que viveram seus ancestrais. Com sua vivência cultural e biológica, atravessou uma história oceânica para chegar onde está ou para ser do modo como é hoje.” Além do fator histórico outros aspectos que contribuíram para sua constituição atual foram as diferentes instancias sociais, entre elas a escola.

Neste sentido, a escola configura-se como um espaço de múltiplas relações. Na qual, segundo Pimenta (2012), a principal finalidade desta instancia é contribuir para um processo humanizado, pelo trabalho coletivo e interdisciplinar com o conhecimento e desenvolvimento do/a aluno/a numa perspectiva de inserção social, critica e transformadora, isto é, que atrela a sexualidade.

Sob essa ótica, a educação sexual ainda apresenta-se como é um trabalho desafiador. Tendo em vista que, a educação de maneira geral, está imersa em uma cultura em que a falta de conhecimento e os estereótipos entrelaçam as famílias, a comunidade escolar e as instituições formativas não oficiais vinculando ideias incoerentes, inverídicas ou distorcidas sobre a sexualidade ou comportamentos de natureza sexual.



Uma dessas distorções que circulam no ambiente escolar é de que é função exclusivamente do/a professor/a de Ciências e/ou Biologia a tarefa de trabalhar questões ligadas à sexualidade na escola. Segundo Gondra (2000), esta percepção vem desde a escola primária da Corte Imperial na qual as/os professoras/es recebiam as proposições detalhadíssimas acerca de procedimentos médico-higienistas<sup>1</sup> a serem praticados pelo discurso e pelas ações no ambiente escolar a fim de estimular e introjetar nas/os alunas/os um padrão homogêneo e doutrinário de higiene/saúde advindos da Faculdade e Academia Imperial de Medicina e assim difundir a ideia na população de maneira geral.

Assim, neste contexto, existiam medidas preventivas e curativas nas disciplinas de Biologia e Ciências nas escolas com o propósito de diminuir os gastos do Estado com a saúde, que ainda perduram no contexto das escolas públicas, e com propósitos não muito distintos do período imperial, uma vez que as prescrições continuam direcionando o trabalho de educação sexual na escola, nos Parâmetros curriculares nacionais (1998), há a seguinte sugestão:

Também se constitui como conteúdo a ser trabalhado com os alunos a importância da saúde sexual e reprodutiva e os cuidados necessários para promovê-la em cada indivíduo. O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas, mas também preventivas. A escola deve, então, atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região. (p. 320)

E a Biologia é uma disciplina cuja finalidade é o estudo da vida, pela cientificidade. Logo, ela abraça a sexualidade centrando-se no corpo enquanto matéria viva capaz de descrever, ainda que parcialmente, os eventos de natureza sexual que ocorrem no corpo humano. E que, podem se desdobrar em marcas e/ou representações sexuais externadas com efeitos de sentidos social e cultural pelo indivíduo. Segundo Furlani (2005), há na Biologia

---

<sup>1</sup> São procedimentos decorrentes da medicina higienista do século XIX que fundou nas práticas médicas o critério de higiene e assepsia do corpo como preceitos de saúde. E desta forma, camuflar as imposições

uma imensa relevância e influência para a compreensão e vivência da sexualidade e do gênero. No entanto, a biologia por si unicamente, não é o fator determinante a ser manifestado em cada sujeito.

O Sexo e a sexualidade, quase indiscutivelmente, estão inscritos no corpo, no biológico, quase sempre, de forma definitiva, no momento do nascimento ou antes dele. O atrelamento à Biologia é sem dúvida evidente na compreensão do gênero e da sexualidade e, nenhuma outra ciência exerce tamanha influência (Furlani, 2005, p. 37).

Isto sugere que a sexualidade exige da Biologia a matéria onde a corporificação das sensações, das emoções, das relações dos sujeitos consigo e com o outro acontecem. Desta forma, a Biologia é um dos recursos científicos capazes de favorecer para a compreensão da sexualidade na escola. Conteúdo, na prática educacional ela está culturalmente compreendida como instrumento que visualiza apenas a homogeneidade referenciada e sustentada pela heteronormatividade<sup>2</sup> na escola. E assim, desconsidera a diversidade e as relações de gênero desenhadas cultural e socialmente.

Quadrado (2013) adverte que a característica biológica (genitália) está sendo um critério tão marcante nos corpos que os sentidos construídos sobre aquilo que se pretende como masculino ou feminino são socialmente diminuídos pelas práticas culturais em detrimento dos artefatos biológicos:

Desta forma a escola legitima, então, os discursos biológicos, produzindo, “verdades” sobre os corpos, ditadas pela visão hegemônica que vê a ciência como algo “incontestável”. O currículo escolar está organizado pela visão medicalizada, enfatizando aspectos anatomofisiológicos e discursos de saúde e doenças. (Quadrado, 2013, p. 21).

---

morais cujos objetivos reais eram de controle da população. E dela surgiu um dispositivo científico normativo para produzir a verdade do sexo denominada por Foucault de *Scientias Sexuales*.

<sup>2</sup>De acordo com Santos (2015) este é um termo criado em 1991 por Michel Warner para designar a heterossexualidade como único padrão de exercício e vivência da sexualidade capaz de classificar, estigmatizar e/ou excluir a orientação ou as práticas sexuais que de alguma forma fujam a este padrão predefinido como normal.

Rodrigues e Scheid (2008) mostram que essa limitação da Biologia como recurso fim no estudo e nas discussões que perpassam pela escola, quando o assunto é a sexualidade, apenas distanciam o/a aluno/a dos objetivos medicalizadores camuflados nos currículos das aulas de Ciências e Biologia para o corpo. As autoras esclarecem que,

Falamos em sistema reprodutor e hormonal sem grandes dificuldades, adoecemos esse corpo apresentando as doenças sexualmente transmissíveis (DST) como consequência do ato sexual, desprovido de proteção. Enquanto nosso/as aluno/as nos observam, mais uma vez distantes e não se reconhecendo nesse corpo estudado, que além de fragmentado foi adoecido pelas relações sexuais. (Rodrigues & Scheid, 2008, p. 526).

Esse “cuidado” com a saúde sexual da/o aluna/o não é algo inédito na escola e tem funcionado de maneira eficaz como um dispositivos de poder<sup>3</sup> usado pelo que Foucault (2014) denominou de “sociedades do discurso” (religioso, judiciário, terapêutico...) que o governo utiliza para garantir através do discurso<sup>4</sup> saúde/doença o controle e doutrinação da população, neste caso específico, para o controle da sexualidade através das regras e/ou normas difundidas aceitas para a vida saudável e controlada em sociedade. Segue o autor esclarecendo que “Há as “sociedades do discurso”, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras restritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.” (p. 37).

Este modelo de ensino produz e reproduz um padrão didático-biológico a ser aplicado nas salas de aula porque “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação do discurso com os saberes e poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 2014, p. 41, grifo do autor).

---

<sup>3</sup> Os estudos foucaultianos demonstram que poder não é algo material ou tangível, sendo constituído nas práticas e nas relações sociais alicerçadas historicamente pela vontade de saber dos/as sujeitos/as.

<sup>4</sup> Segundo Foucault (2014) o discurso é um conjunto de enunciados que sob determinadas condições de origem e de possibilidades históricas, sociais, ideológicas são produzidas e reproduzidas, de modo verbal ou não, e que são capazes de imprimir verdades a pessoas ou grupos sociais que podem ou não a sujeitar-se a tal discurso.

Sob este prisma, a escola oferece aos estudantes o corpo didático. Este, por sua vez, segundo Quadrado (2013) “é estático, assexuado, anônimo, sem pés, mãos, deslocados do ambiente, na maioria das vezes sem etnia, fragmentado em órgãos e sistemas internos, contribuindo para o prolongamento das representações centradas no discurso.” (p. 20).

Pena (2015) alertam que desta forma o corpo está sendo tratado na escola como instrumento para estudar as doenças, a higiene, além das normas de conduta. Posto que sob esta ótica o foco de atenção e de estudos minuciosos deixa de ser o corpo, assim como também são abandonadas todas as possibilidades de vivenciar o prazer e a autodescoberta da sexualidade de cada sujeita/o. O estudo fica centrado nas causas, sintomas e formas de contaminação das doenças, visto que o corpo é caracterizado apenas como lócus de manifestação patológica.

É evidente que os cuidados, a alimentação e muitas reações orgânicas que ocorrem no corpo revelam a necessidade de realmente buscar a compreensão do caráter biológico do corpo. No entanto, é preciso também, observar que “O corpo é um espaço de expressão e de constituição de identidades, é nele que são inscritos os principais signos de cada sociedade. O corpo possui uma história, é constituído por uma linguagem, fala e exprime seus anseios.” (Amaral, Domingues, Silva, 2013, p. 25). Logo, merece ser descrito, caracterizado, compreendido anatômica e fisiologicamente. Mas também, merece ser estudado sob concepções e práticas de outras Ciências que compõem o conhecimento humano sobre si próprio a fim de contextualizar as informações com propósito de propiciar aos/as alunos/as construtos cognitivos mais relevantes e pertinentes à realidade vivenciada nas experiências do dia que possibilitem a compreensão de que os corpos podem apresentar semelhanças ou diferenças entre si pelas justificadas por fatores, ambientais, culturais, econômicos e estes fatores podem, em maior ou menor intensidade atingir e influenciar nas experiências, comportamentos e subjetividades sexuais de cada sujeito.

## 1.4 A educação sexual<sup>5</sup>

Todos os dias, de maneira formal ou informal, conceitos e preconceitos em relação à sexualidade são construídos, ainda que aparentemente nada demonstre estar sendo socializado. Não falar ou discutir essa questão na escola significa reafirmar, ainda que de maneira implícita que o sexo é uma coisa proibida, que não se fala ou trata abertamente e é um assunto que não pode adentrar nas salas de aula das escolas. E, desta forma se reprimi ou se omite a questão, mas de alguma maneira, há pessoas sendo “educadas” sexualmente Egypto (2013).

As vivências e as demandas das/os alunos/as quanto a este assunto salientam que este não é um tema novo nem na escola, tampouco na mídia, nos espaços públicos, nas igrejas ou em outras instituições sociais. Na realidade, ele manifestou-se em diferentes períodos da humanidade porque contribuiu para a dominação e a domesticação da população.

Todavia, mediante a inúmeros entraves característicos de cada momento histórico, é um tema que alternou-se entre o que pode e o que não pode ser falado, bem como, no que pode ser trabalhado na escola em termos de conteúdos escolares.

Ainda hoje na realidade escolar há urgências sexuais expostas nos corredores dos banheiros, no comportamento e linguagem das/os alunas/os, entre outros. E mesmo assim, as discussões e, principalmente, as práticas educacionais parecem caminhar alheia a essas demandas. Consequentemente, são produzidas compreensões, concepções, conceitos equivocados sobre as partes que constituem o todo da sexualidade.

Estes equívocos são provenientes de informações distorcidas já que os/as aluno/as não encontram espaços para auxiliá-los/as em suas dúvidas e conflitos. E quando os encontra, em

---

<sup>5</sup> Neste trabalho adotou-se a terminologia educação sexual pelas seguintes razões: A denominação Educação sexual refere-se a um conjunto de prática e de processos que ocorrem de forma ininterrupta. Já a orientação sexual faz referência aos desejos e a identidade da pessoa quanto a vivência da própria sexualidade. Além disso, as publicações científicas atuais no Brasil empregam a terminologia Educação Sexual como forma de solidificar o termo.

geral, estes lugares e oportunidades são provenientes de uma educação sexual, de base preconceituosa e fragmentada (Nunes, 1987). O mesmo autor ainda afirma que é preciso repensar a sexualidade no sentido de prover uma reeducação sexual.

Repensar a compreensão de educação sexual significa criar condições de aprendizagem e de ensino institucionalmente reconhecidas que facilitem a compreensão de que a educação sexual é “toda ação de ensino-aprendizagem sobre sexualidade humana, seja em nível de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.” (Figueiró, 2014, p. 51). Furlani (2005), acrescenta ainda que,

O significado do termo “educação Sexual” é construído por significados socioculturais decorrentes do conceito de “educação”, somado ao conceito de “sexual”. O adjetivo “sexual” pode ser decorrente do substantivo “sexo” quanto do substantivo “sexualidade”. Penso que está procedência pode ser determinante no tipo de educação que se pretende; pode nortear a ação de professoras/res, pais, mães, dirigentes escolares. (p. 43).

Contudo, é precisa deixar claro que não existem fórmulas precisas ou receitas a serem seguidas. No entanto, é preciso buscar uma educação sexual adequada às necessidades vivenciadas pela comunidade escolar. Somando-se a este posicionamento Vitiello (1997) sugere algumas características da educação sexual “adequada”:

A verdadeira educação sexual deve ter um aspecto socializador, na medida em que repara o indivíduo para viver em uma determinada sociedade. Ao mesmo tempo, entretanto deve adotar instrumentos que permitam mudanças culturais que se tornem necessárias, aumentando sua capacidade crítica, para que ele seja capaz de, quando preciso, abandonar padrões e recriar a sociedade em moldes mais adequados. A educação sexual, especificamente, deve ter o objetivo de promover a felicidade, preparando as pessoas para usarem de maneira responsável sua liberdade, sendo assim um agente de promoção da felicidade individual e coletiva. (p. 101).

Todavia é imprescindível ponderar para que não sejam cometidos desacertos nas proposições de educação sexual de maneira a não deixa-la cair na educação da informação pela informação. Neste sentido Ribeiro (1990) emite o seguinte alerta:

A educação sexual inserida na escola sem uma preocupação com a problemática geral da escola, sem adequada preparação da comunidade escolar, para receber em seu meio uma nova abordagem de educação, em que foge do conteúdo tradicional, e sem profissionais com formação específica para trabalhar nas escolas, seria, no máximo informação sexual, pura e simples reprodução de definições e conceitos que deveriam ser dados em aulas de biologia. (p.3).

Quadrado (2013) explica que a sexualidade possui condicionantes híbridos. Quer dizer, em sua essência ela apresenta características histórico-filosóficas onde estão assentados elementos íntimos e subjetivos que devem ser compreendidos como elementos pertencentes às relações humanas para não limitar a educação sexual aos procedimentos reducionistas adotados ainda hoje nas salas de aula.

Entretanto, a escola vem se negando a discutir essa questão por dificuldades de lidar com o tema e outras questões ainda não bem esclarecidas. Segundo (Egypto, 2013), o que de concreto se observa é que quando a escola se omite desse fazer a educação da sexualidade fica à mercê das informações ofertadas pela informalidade que podem apresentar distorções ou incoerências com as necessidades do indivíduo.

A educação sexual assim como demais processos educacionais também acontece em múltiplos espaços, tais como: Família, Igreja, amigos, comunidades e escola, entre outros, de forma que sempre haverá uma intencionalidade, seja essa de natureza institucionalizada ou não, de caráter formal ou informal.

A educação sexual, como expõe Werebe (1998), envolve todas as ações que se exercem sobre o indivíduo. Em um sentido mais amplo, não intencional ela sempre existiu

em todas as civilizações no decurso da história de forma consciente ou não, variando segundo a época e a cultura.

### **1.5 A educação sexual no contexto escolar**

É fato que a educação sexual ocorre a todo momento e quer seja de forma positiva ou de forma negativa, conceitos e concepções são arraigados nos indivíduos continuamente porque os corpos, a linguagem e as vivências apresentam marcas da sexualidade, Melo (2004) esclarece que,

Vivemos sempre em um ambiente sexualizado, em que os ditos e os interditos, sobre a sexualidade perpassam todas as esferas de nossa vida cotidiana.... Nestes tempos turbulentos o tema da educação sexual do ser corpo humano pleno, cidadão é até fartamente discutido e enunciado, mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: Sempre existe uma educação ou deseducação sexual acontecendo entre os seres humanos. (p.73).

Compreendida entre um conjunto de assuntos que devem ser abarcado pelas escolas, de forma transversal para auxiliar na formação integral das/os alunas/os para o exercício da cidadania, e com orientações sugeridas nos PCN, a educação sexual ainda não se constitui como um tema prioritário nas escolas, tampouco prioridades daqueles/as que tem a incumbência de cuidar da educação básica. Hipoteticamente é possível que isto aconteça por razões internas da escola, por motivos pessoais e profissionais dos/as professoras/es e, principalmente, por razões externas ao espaço escolar. Todavia, sabe-se que existem inúmeros fatores que convergem entre si e justificam a importância dela ser executada na escola. Uma destas razões é que, depois do ciclo familiar é na escola que o/a aluno/a estabelece suas primeiras relações, faz suas primeiras experiências sociais, interagindo com outras pessoas, outros corpos, outros valores, outras concepções, outros comportamentos. Além disso, algumas



vezes é na escola que os primeiros interesses pelo outro (sexo oposto ou mesmo sexo) são despertados (Pena, 2015).

Os registros de Leão (2009) apontam a escola como um lócus de construção da justiça e da igualdade. Também deslindam outras razões pelas quais à escola é um dos lugares mais favoráveis à educação sexual.

A escola é um dos locais mais eficazes para se erigir uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos possam usufruir seus direitos. Além disso, apresenta função peculiar, a qual deve possibilitar a apoderação do saber por todos os cidadãos. Dessa forma, ela tem a função de educar para a cidadania, para o exercício da participação consciente em sociedade. Neste sentido, é necessário que os alunos sejam preparados para o exercício da cidadania. (p.31).

Os motivos favoráveis ao ensejo da educação sexual no interior da escola, é que enquanto espaço de aprendizagem ela é marcada pela exigência de diálogos constantes, por reavaliações permanentes da prática do/a aluno/a, das/os professoras/es, do corpo técnico, bem como, dos outra/os personagens que a compõe. Assim, ela assegura a reflexão da ação entre as partes garantindo também, o respeito à dignidade de cada pessoa nela envolvida.

No entanto, como afirma Pena (2015), pelo próprio percurso que a educação sexual apresentou com inúmeras dificuldades alheias ao caráter didático-pedagógico, sabe-se que tentar inserir está proposição na escola significa tentar também sobrepor inúmeros entraves de natureza política, religiosa, burocrática, ideológica entre outros tantos possíveis de se mostrarem contrários as ações com tais finalidades. Observados com atenção os avanços e os retrocessos da educação sexual até alcançar a legalidade, verifica-se que estes se deram sob a força dos acontecimentos históricos margeados por políticas de caráter repressivo.

À vista desses obstáculos, é necessário que as escolas comecem ou, em alguns aspectos, recomecem a investir na implantação de programas delineados por desígnios de problematizar e provocar a reflexão acerca das necessidades que os/as alunos/as apresentam

ou tem interesse no tocante a sexualidade, uma vez que se sabe que é um assunto em que ainda há vontade dos mesmos em conhecer.

Neste sentido, Suplicy et al. (2000) acordam que as práticas educacionais que discutem e problematizam os temas polêmicos e relevantes vinculados à sexualidade contribuem, sobremaneira, no desenvolvimento das concepções do aluno sobre as questões ideológicas, políticas e culturais que envolvem a temática.

De acordo com Ribeiro e Quadrado (2013) a educação sexual predominante na comunidade escolar é aquela que visa o controle e reprime o comportamento dos indivíduos com discursos que valorizam apenas os meios de funcionamento orgânico do corpo em fragmentos sistematizados.

Conquanto, as estratégias de ensino tem demonstrado pouca eficácia na solução e no esclarecimento das dúvidas e dos receios dos/as alunos/as, em relação ao corpo e as informações disponibilizada pelas/os professoras/es nas aulas de Ciências e Biologia, porque estas informações são usadas como fim e não como meio em um processo em que o/a professor/a é o/a único/a sujeito/a ativo na relação professor/a – aluno/a.

Ademais, a linguagem também se constitui como um fator de distanciamento entre o conteúdo técnico da sala de aula e a fala usada cotidianamente pelas/os alunas/os. Entretanto, os termos que se associam de alguma forma com a sexualidade, usados pelos/as alunos/as no seu dia a dia, não são bem vistos, tampouco aceitos no ambiente escolar. Considerando que neste espaço a prevalência é das informações técnico-científicas.

Sobre essa perspectiva, Pena (2015) enuncia que:

O corpo continua fragmentado e estático. Conversas a respeito desse corpo são autorizadas em ambiente escolar, desde que respeitada essa fragmentação. As questões de sexualidade aparecem respaldadas pela existência de um sistema reprodutor, ou dois. Afinal, biologicamente falando, se nada falhar em nosso desenvolvimento embrionário, nasceremos com o sistema reprodutor masculino ou feminino. (p. 16).

Uma das formas de difundir e consolidar a Ciência. Sendo assim, o ensino da Biologia vem apregoando os discursos que a ela propõe. Outrossim, solidificando-os como “verdades” inquestionáveis. No que concerne à sexualidade, Ribeiro (2013) explica que o cientificismo tem postulado padrões humanos estereotipados que se contrapõem as realidades expressadas.

A questão perturbadora desses postulados é que eles classificam e marginalizam as figuras que fogem dos arquétipos estereotipados no grupo. Por conseguinte, conforme aponta Leão (2012), a escola caracteriza-se então, como um lugar no qual, as relações nela estabelecidas, podem reafirmar os preconceitos, as desigualdades e os tabus incorporados à sexualidade, uma vez que ela vem se negando em discutir esses problemas. De modo consequente, ao permitir esses acontecimentos à escola descarta o direito do aluno de acesso à informação de qualidade que lhe propicie “realizar escolhas, simples ou complexas, fáceis ou difíceis, conscientes ou inconscientes, autônomas ou reguladas” em favor de si e de outros. (Pena (2015, p. 13).

Leão (2012) lembra que a escola que opta por essa prática engessa as discussões sobre o tema tornando-se palco para a sobreposição dos jogos que nela incorrem de maneira camuflada. Assim, os preconceitos e estigmas que se entrelaçam com as variáveis da sexualidade são realimentados e reinjetados nos grupos sociais que o/a aluno/a interage e sendo perpetuados de forma ininterrupta.

Em vista disso, é preciso que as discussões e as práticas educacionais sejam repensadas e rearticuladas com a finalidade de evitar estes travamentos à educação sexual.

De acordo com (Maia, 2004), é preciso sugerir uma educação sexual diferente da qual se percebe nas salas de aula, de modo que se consiga avançar além das estruturas e funcionamentos do corpo “saudável”, a autora afirma uma educação sexual minimamente adequada qual deve apresentar natureza pluralista, com respeito à multiplicidade de aspectos,

capaz de explicar e combater os mecanismos de repressão sexual, sustentada por fatores biológicos, sociais e culturais que influenciam a sexualidade.

A referida autora ainda expõe que desta maneira a escola consegue dar o passo inicial para uma tarefa árdua, mas necessária. É um trabalho classificado como árduo porque ambiciona a diminuição de preconceitos muito arraigados durante diferentes momentos históricos e com diferentes personagens.

Esse trabalho, atualmente, encontram barreiras ainda mais difíceis, posto que o apoio e visibilidade advinda e sustentadas através dos Parâmetros Curriculares Nacionais à educação sexual encontram-se em com sérias dificuldades de permanência na escola uma vez que as discussões políticas sobre Gênero e sexualidade têm provocado retirada destes temas nas instituições de ensino.

## **1.6 Visibilidade da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**

A educação sexual foi oficialmente inserida nas escolas a partir da publicação dos temas transversais apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998. A partir de então, as propostas com essa temática foram legalmente amparadas nas instituições de ensino com enfoque na transversalidade.

Para Yus (1998) os temas transversais são:

São um conjunto de conteúdos educativos e eixos condutores da atividade escolar que não estão ligados a nenhuma matéria em particular, pode-se considerar que são comuns a todas, de forma que mais do que criar disciplinas novas, acha-se conveniente que seu tratamento seja transversal num currículo global da escola. (p. 17).

Neste sentido, o documento trouxe um conjunto de conteúdos com alta relevância social que até então haviam sido tratados de forma marginal e episódica para serem

discutidos e viabilizados na escola de forma transversal, ou seja, perpassando por todas as disciplinas tradicionais cujos principais objetivos eram a dignidade e a igualdade de direitos da pessoa humana (Busquets, Cainzos, Fernandez, Leal, Moreno, & Sastre, 2000).

Coadunando com essa concepção, Leão (2009) acrescenta que além de inter-relacionar o conhecimento científico da vida cotidiana das/os alunas/os, a transversalidade contribui também para a superação da fragmentação do conhecimento que perdura nas escolas pela forma na qual as disciplinas são ministradas.

Assim, a partir de 1998, as demandas sexuais que sempre transitaram pelo ambiente escolar ganharam o respaldo do Estado para serem contempladas nas aulas de diversas disciplinas dentro da programação ou extra programação, dependendo da ocasião ou das necessidades de cada turma.

Para Altmann (2001) o amparo do Estado com esse tema se deu em virtude dos elevados índices de doenças graves decorrentes do ato sexual sem qualquer tipo de orientação. Neste sentido, é compreensível que embora esteja muito claro o destaque que se deu para a questão da preservação da saúde e do funcionamento do corpo estabelecida nos PCN.

A constatação desta questão é observada nos eixos que compõem os blocos de conteúdo, dos quais dois favorecem claramente a biologia, sendo estes: Matriz do corpo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS. Segundo Leão, Rezende e Ribeiro (2008, p. 21) organizados e distribuídos desta maneira esses “blocos intensificam o discurso fisiológico e médico da sexualidade”.

O PCN (1998) tenta diferenciar o corpo anatômico e o corpo como construto social. De acordo com este documento,

O corpo é concebido como um todo integrado de sistemas interligados e que inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele

ocorridas ao longo do tempo. Há que considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social. (p. 317).

Também há direcionamentos para que as/os professoras/es possam abordar os conteúdos de forma que entrelacem as mudanças corporais derivadas dos eventos biológicos às significações culturais nas quais o/a sujeito/a está imerso/a. Entretanto, percebe-se que essas sugestões são insuficientes para aclarar as ações de sala de aula das/os professoras/es no que concerne ao tema porque na compreensão destes a sexualidade na escola abrange os aspectos psíquicos e socioculturais. Contudo, não cabe ao/a professor/a abarcar tais aspectos e, por isso, eles limitam-se a vertente biológica da sexualidade e, principalmente porque o/a professor/a não é preparado/a para trabalhar com tais questões.

Neste sentido, o erotismo, o desejo, o namoro, devem ser aprofundados a partir do terceiro ciclo, segundo as orientações do próprio PCN porque o corpo sofre maturação biológica na qual estes elementos estão mais fortemente presentes. Assim, como também se deve dar maior ênfase nas discussões para a saúde sexual e reprodutiva.

Observando estas questões, é possível argumentar que sob a ótica do PCN existem sim, claras intenções de prover a educação sexual nas escolas. No entanto, por haver um incisivo foco sobre os fatores ligados a biologia, há entre os/as professores/as e a comunidade escolar, de maneira geral, a mitificação de que só é possível compreender a sexualidade na escola pelo viés biológico nas aulas de Ciências ou Biologia considerando sexo, sexualidade, ato sexual e educação sexual como um conceito único. E talvez, aí esteja o principal entrave para a educação sexual na escola, pois compreende-se que o foco ainda é a de doenças.

Passados aproximadamente duas décadas, talvez por equívocos na interpretação do PCN ou até mesmo nos direcionamentos do próprio PCN, o tema transversal denominado Pluralidade e Orientação Sexual continua limitado à ação de alguns/as professores/as isolados/as ou de disciplinas específicas.

Por isso, para que se desmistifique a concepção equivocada que vigora na escola é necessário investir no/a professor/a fim de alcançar os fatores de natureza biológicos, psíquica e sociocultural da sexualidade, ou seja, que a discussão deste tema seja devidamente ampla.

## **1.7 A formação do professor de Ciências e Biologia**

Formação do/a professor/a envolve o desenvolvimento de habilidades, técnicas e fundamentalmente nas inter-relações humana, posto que esta profissão sustenta-se, em parte, pela relação que se estabelece entre os/as sujeitos/as da aprendizagem, a/o aluna/o e o/a professor/a, na qual há um encontro de subjetividades<sup>6</sup> para a construção e desconstrução de cada um/a.

A formação do/a professor/a de Ciências e Biologia em sexualidade tem envolvido estratégias e informações que permitem identificar, caracterizar o corpo humano, bem como também, seus eventos de natureza orgânica, impulsionados por fatores físico-químicos. É na matéria orgânica que a sexualidade se corporifica desencadeando sentimentos, sensações, desejos e emoções cujas explicações da Biologia, sozinha, não são capazes de esclarecer. Todavia, quando se atrela a estas informações elementos de ordem sociológica, histórica, antropológica e psicológica é muito provável que elas propiciem uma melhor compreensão dos condicionantes sexuais que se exercem sobre as/os sujeitas/os variando de pessoa para pessoa.

Isto implica dizer que a educação sexual na escola não é necessariamente função do/a professor/a de Ciências ou Biologia. Aliás, ao se observar a história da sexualidade no Brasil percebe-se que ela já obteve avanços bem mais significativos que os atuais. Contudo, os

---

<sup>6</sup> Termo usado para designar a forma pela qual cada sujeito vivencia e interpreta as experiências a partir de sustentações e assimilações históricas de seu tempo.

processos repressivos contidos na própria história política do país a fizeram retroceder em vários aspectos. Na atualidade, por sua vez, é notório que muitos conceitos e padrões sociais relacionados à sexualidade estão em processo de transição, sendo reconstruídos de forma mais abrangente. E nesse contexto, os pais encontram-se com dificuldades de auxiliar seus/as filhos/as com questões referentes a sexualidade, principalmente, quando as discussões se reportam a escolha do gênero que a/o jovem opta se identificar nos grupos sociais e para vivenciar sua sexualidade.

Pimenta (2012) defende que essas mudanças sociais afetam positiva e negativamente a escola, enquanto espaço de convivência e de formação e de “deformação” humana. E atentando ainda para o fato de que, “a profissão do professor, como as demais, emerge em um dado contexto e momento históricos, como resposta as necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatutos de legalidade.” (p. 19)

É importante aproveitar o discurso, o amparo legal que a escola confere as/aos professoras/es de Ciências e/ou Biologia para estimulá-las/los, assim como, as secretarias de educação e outros órgãos educacionais de maneira a propiciar formação inicial e/ou continuada para estas/es profissionais com o intuito de fornecer informações que garantam aos/as professores/as a reflexão de sua prática educativa para aglutinar ao seu trabalho outras dimensões que a sexualidade exige.

Porquanto, é relevante para a educação sexual que a prática dos/a professores/a seja uma ação reflexiva. E segundo afirma Pimenta (2012),

... formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras de formação como contínua do/as professores, no local de trabalho, e em parceria com outras instituições de formação.” (p. 35).



Por isso, é que se deve elaborar estratégias que viabilizem a formação em educação sexual para o/a professor/a de Ciências no Ensino Fundamental e para o/a professor/a de Biologia no Ensino Médio. Esta formação deve ocorrer, como afirma Figueiró (2014), preferencialmente, na escola onde ele desenvolve suas atividades, em período oposto as suas aulas com acompanhamento e monitoramento regular a fim de garantir a qualidade do processo formativo.

Este tipo de formação como explica Figueiró (2014), exige muito empenho do profissional para criar condições de respeito a si próprio e de convivência com o semelhante ou com o diferente. Uma vez que, pede, necessariamente, do/a professor/a uma constante revisão dos seus valores e posicionamentos na tentativa de aprimorar seus conhecimentos e prover a educação sexual.

Sobre este prisma, Candau (2013) argumenta que o/a professor/a deve efetivar suas ações de forma intencional, com claros objetivos de modo a promover o desenvolvimento do aluno para a vivência individual e coletiva.

Leão (2009) esclarece que a formação do/a professor/a traz benefícios diretos as/os alunas/os e indiretamente, à comunidade escola. Segue a autora:

.... é preciso que os/as professores/as estejam preparados, pois são eles os educadores no contexto escolar que estão em contato direto com os/as alunos/as, presenciando suas dúvidas, inquietações e curiosidades. Assim sendo, a pertinência de se articular a discussão sobre a formação desses profissionais é devido ao importante papel que lhes cabe de formação e informação dos educandos. Além disso, é uma forma de garantir a possibilidade da escola intervir com a temática da sexualidade em seu âmbito. (p. 91).

Não obstante, é necessário enfatizar a carência formativa dos/as professores/as nesta área de conhecimento, destacando seus pontos de vulnerabilidade e com maiores urgências. Também é preciso estar ciente de que o próprio campo de formação de professoras/es ainda tem seus limites. Nos registros de Diniz-Pereira (2013) há evidências de que, enquanto

campo de pesquisa, a formação de professores/as ainda é um campo novo, sendo que sua trajetória possui muitas descobertas a serem concretizadas e muitos percalços a serem superados.

Portanto, pensar na formação em educação sexual para professoras/es significa abraçar um desafio duplamente espinhoso. Porém, as demandas de ordem sexual provenientes das salas de aula exigem essa formação para todos/as os/as professores/as em caráter de urgência para melhoria da ação pedagógica em prol do/a aluno/a, para a valorização profissional do/a professor/a, e para a qualidade de ensino da escola.

Azzi (2012) afirma que tal relevância se dá em virtude de que, um/a professor/a qualificado/a é capaz de reconhecer seus limites, buscar o conhecimento, e agir em prol de buscar a qualidade do ensino em sala aula. Além disso, este/a professor/a é ciente que sua ação pedagógica inter-relaciona-se com a sociedade.

Para ser um educador sexual na escola é preciso ter receptividade para agregar as explicações biológicas com informações de natureza psicológicas, históricas, culturais, política e econômica. (Suplicy et al., 2000).

É importante esclarecer também que não existem exigências de formação específica para ser um/a educador/a sexual. Apesar disso, é preciso ter cuidado para que a sexualidade dos alunos seja mitificada ou negligenciada por pessoas sem o preparo adequado para este trabalho.

Deve-se ponderar que, de maneira geral, a “educação é parte do contexto social, do tempo, dos valores, das condições materiais e dos acontecimentos históricos em que se encontra e os quais se integra.” (Azzi, 2012, p. 80). E como tal, exige disposição e comprometimento com as demandas sociais que ocorrem no fazer pedagógico de sala de aula. Segundo Vitiello (1997), o/a professor/a deve apresentar, sobretudo, engajamento com o tema em uma postura confiável, tolerante, capaz de promover uma comunicação criativa, lúdica,

dialógica horizontal, pautada nas vivências socioculturais da realidade das/os alunas/os, sem julgamentos de “certo” ou “errado”, sim, de forma acolhedora e intimista.

Logo, o que se busca é um/a professor/a comprometido com a educação sexual emancipatória capaz de fornecer a/ao aluna/o meios de significação e ressignificação daquilo que se refere à própria sexualidade. Então, é interessante pensar em meios que oportunizem ao/a professor/a as seguintes condições:

Orientar para o resgate do gênero, do erótico e do prazer na vida das pessoas; Atentar para o respeito a todo tipo de diversidade, para o alcance dos direitos sexuais e reprodutivos e da saúde sexual; Valorizar o aspecto informativo desse processo, podendo também dar ênfase ao aspecto formativo, no qual se propicie a discussão de valores, atitudes, tabus e preconceitos; considerada a importância da discussão de dúvida, sentimentos e emoções. (Figueiró, 2010, p. 137).

Ciente de que na prática a escola, por equívoco, falta de compreensão ou talvez por escassez de leitura mais aprofundada, tem delegado a função de educador/a sexual aos/as professores/as das disciplinas de Ciências e Biologia, sob a alegação de que há afinidade entre o conteúdo das referidas disciplinas com o tema. Por isso é preciso analisar a formação dessa/e profissional, pensando, para a partir disso, propor ferramentas de compreensão e execução da educação sexual nas escolas campo.

Assim sendo, hipotetizou-se no presente estudo que a prática realizada, em educação sexual, das/os professoras/es de Ciências e Biologia nas escolas abraçadas pela pesquisa ainda seja de natureza preventiva, curativa que objetiva, de forma, subliminarmente o controle da sexualidade das/os alunas/os através da docilização dos corpos e dos comportamentos. E que também é decorrente de uma formação inicial deficitária ou inexistente aliada à ausência de formação continuada pelos órgãos mantenedores da educação básica da cidade de Macapá no estado do Amapá. Lembrando que para atuar com educação sexual de acordo com Figueiró (2006), “o professor deverá fazê-la de forma humanizadora,

mediando questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade e a projetos de vida.” (p. 17). Por isso, entende-se que é necessária uma formação mínima para lidar com o tema. Considerando que a profissão de professor exige aperfeiçoamento constante na dinâmica da prática social a fim de criar uma identidade profissional coerente com as demandas de seus alunos.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Atualmente o Brasil vive um momento de transição nos conceitos e concepções que envolvem as questões ligadas a sexualidade e questões de gênero. Estes têm sido temas objeto de frequentes discussões nos veículos de comunicação, redes sociais e no cenário político. Entre os muitos discursos que emergem dessas discussões esta o religioso, as questões sobre os valores familiares, e a inserção ou não destes temas como conteúdos ou propostas para serem desenvolvidas nas escolas.

De um lado, há posicionamentos contrários a introdução do tema na escola que se justificam com o discurso de que cabe somente a família essa tarefa. Por outro lado, há o discurso em defesa da sexualidade emancipatório para o desenvolvimento integral do/a educando/a com direito a formação plena de identidade de gênero. Neste sentido, cabem inúmeros estudos sobre a forma como está se desenvolvendo ou não este processo na escola, identificando além do processo em si, as demandas, as dificuldades, e principalmente o preparo do recurso humano destinado a esta finalidade.

Por isso, investigar e analisar a formação e a prática das/os professoras/es que de alguma forma já trabalham com o tema pode contribuir para o esclarecimento e diminuição de posicionamentos contrários as propostas de educação sexual nas escolas.

Desta forma, uma das maneiras de conseguir dados condizentes com a realidade é através de informações fornecidas pelas/os próprias/os professoras/es. E por isso optou-se pelos objetivos e metodologias descritas a seguir.

## **2.1 Objetivos**

### **Objetivo geral**

Analisar a formação e as informações em sexualidade dos/as professores/as de Ciências e Biologia das escolas estaduais de Macapá, verificando as demandas formativas concernentes a tais temáticas.

### **Objetivos específicos**

Identificar a formação inicial e continuada em educação sexual das/os professoras/es de Ciências e Biologia atuantes em sala de aula.

Investigar as necessidades formativas destes/as profissionais em sexualidade e educação sexual.

## **2.2 Método**

Para a concretização deste trabalho buscou-se na pesquisa qualitativa as ferramentas que pudessem subsidiar sua construção. Através dela é possível realizar análise de dados de forma interpretativa, assim como, identificar os elementos capazes de responder os objetivos preestabelecidos inicialmente pela riqueza das informações. Para Straus (2008) a pesquisa qualitativa “É um tipo de pesquisa que produz resultados não alcançados por procedimentos estatísticos. Contudo, responde a questões sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, além do funcionamento organizacional, fenômenos sociais e interações entre nações estudo.” (p. 23).

## **2.3 Local**

No Amapá as escolas estaduais estão organizadas por Núcleos de Ação Educacional (NAE). Estes núcleos são grupos de escolas localizadas em bairros próximos para que ações educacionais possam ser planejadas e executadas concomitantemente em todas as unidades do NAE a partir das decisões conjuntas de todas/os as/os diretoras/es.

O trabalho foi desenvolvido em seis escolas de Ensino Fundamental e Médio pertencentes ao NAE, três da Secretaria de Educação do Estado do Amapá, distribuídas entre os bairros Jesus de Nazaré, Laguinho e Pacoval. A razão pela qual estas escolas foram selecionadas é o fato de estarem localizadas em regiões de transição entre o centro e a zona norte da cidade. Ou seja, são escolas que atendem crianças e jovens de diversos bairros. Além disso, o corpo docente é bastante versátil, composto por professoras/es com muitos anos de experiência, assim como, por jovens professores/as em início de carreira.

## **2.4 Participantes**

Para a seleção dos/as participantes desta pesquisa foi necessário obter autorização escrita da/os diretoras/es das escolas (Apêndice B) e a intermediação das/os coordenadoras/es pedagógicas/os de cada turno em que os/as participantes desempenhavam suas funções na escola. Após esta fase, o trabalho foi esclarecido individualmente a todos/as os/as professores/as de Ciências e Biologia das instituições envolvidas. Destes/as apenas aquelas/es que se dispuseram voluntariamente a colaborar e adequavam-se ao critério de inclusão permaneceram.

Como critério de inclusão foi delimitado que somente os/as professores/as de Ciências e Biologia pertencentes ao quadro efetivo da rede pública estadual da cidade de Macapá, e que estivessem atuando em sala de aula com as disciplinas supracitadas ou ainda ministrando

as duas disciplinas na escola, seriam inseridos na proposta de trabalho. Já aquelas/es professoras/es de Ciências ou Biologia que estavam desempenhando seu ofício em salas ambientes como biblioteca, sala de vídeo, por exemplo, ainda que externassem interesse em colaborar com o trabalho, foram excluídos. Desta forma, foram selecionadas/os dez professoras/es, dos quais cinco eram mulheres e cinco homens com idades compreendidas entre vinte e cinco e cinquenta anos de idade, com tempo de magistério variando de dois meses a mais de vinte anos, a maioria graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Amapá, Universidade Federal do Pará, e Universidade Braz Cubas. Houve apenas uma exceção, um/a licenciado/a em Ciências Naturais com Habilitação em Biologia pela Universidade Estadual do Pará.

Para dar voz as/aos professoras/es participantes foi necessário caracterizá-los genericamente de maneira a preservar o anonimato e visando assegurar a identidade de cada um. Para tanto, adotou-se a denominação genérica de professor de ciências e biologia (PCB) para designá-los nas entrevistas, bem como a numeração de 1 a 10 para diferenciá-los entre si.

A seguir, na tabela número 1, estão dispostos os dados que caracterizam as/os participantes quanto aos aspectos de idade, sexo, curso de graduação, ano de conclusão da graduação, instituição de ensino na qual se graduaram, séries que lecionam e experiência em sala de aula contada em anos.



**Tabela 1-** Caracterização das/os participantes

Idade:	25-35 Anos: 8	
	36- 45 Anos: 1	
	46- 55 Anos: 1	
Sexo	Feminino: 5	
	Masculino: 5	
Curso que se graduou:	Ciências Biológicas: 9	
	Ciências Naturais: 1	
Ano em que se graduou:	2006: 3	2010: 2
	2008: 2	2012: 1
	2009: 1	2014: 1
Instituição em que se graduou:	Universidade Federal do Amapá: 7	
	Universidade Federal do Pará: 1	
	Universidade do Estado do Pará: 1	
	Universidade Braz Cubas: 1	
Séries que leciona	Somente séries do Ensino Fundamental: 5	
	Séries do Fundamental e do Médio: 2	
	Somente séries do Ensino Médio: 3	
Tempo de atuação no magistério (em anos)	Menos de 1 ano: 1	De 11 a 15 anos: 2
	De 1 a 5 anos: 2	De 16 a 20: 2
	De 5 a 10 anos: 3	Mais de 20 anos: 0
Pós-graduação:	Sim	Na área que atua: 3
		Outra área da educação: 2
	Não: 5	

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 indicam que a maioria dos/as participantes possui idade compreendida entre 25 e 35 anos, a maioria cursou Licenciatura plena em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Amapá e Universidade Federal do Pará ou ainda na universidade Estadual do Pará. Havendo apenas um/a participante/a que se graduou fora da região norte, assim como também, apenas um/a professor/a que licenciou-se em Ciências Naturais. Constatou-se também que as/os professoras/es têm em média de 5 a 10 anos de experiência no magistério e que a maioria atua no Ensino Fundamental.

## 2.5 Instrumento

O instrumento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, a qual teve seu roteiro adaptado a partir do instrumento do relatório de pós- Doutorado de Leão (2012). O referido instrumento também foi avaliado por “juízas/es” da área, ou seja, profissionais de

outras universidades que trabalham com a formação de professores/as em educação sexual, de maneira que pudessem contribuir para o aprimoramento deste. Com a devolutiva das/os avaliadoras/es, o instrumento sofreu alterações e a versão final compôs-se então de vinte e duas questões subdivididas em quatro subitens: Identificação, trajetória de formação, atuação profissional e contexto escolar.

No item identificação buscou-se conhecer as informações gerais das/dos participantes. Desta forma, as questões indagaram acerca da idade, o curso de licenciatura, instituição e ano de conclusão da graduação. Também foi sondado sobre a experiência profissional em anos, bem como as séries que as/os professoras/es lecionam.

A partir de então, foram elencadas perguntas que evidenciassem de que maneira o processo de formação contemplou ou não a educação sexual nas licenciaturas cursadas pelos/as entrevistados/as. E, desta maneira, foram feitos questionamentos sobre a existência ou não de discussões ou atividades voltadas para o tema durante o período de graduação que englobassem conceitos, instrumentos, palestras, recursos e dificuldades oriundas da/na formação inicial as quais refletem positiva ou negativamente na prática docente do/a professor/a na sala de aula.

Em outro bloco de perguntas foram inseridas indagações sobre a inserção de conteúdos e atividades que enfocassem sexualidade na prática educacional das/os professoras/es a partir das demandas vivenciadas no espaço escolar. Assim, os questionamentos contemplaram as atividades desenvolvidas na escola, os temas envolvidos, os recursos que se utilizam, a existência ou não de demandas, assim como as concepções de educação sexual que sustentam essa prática das/os professoras/es em relação ao tema e a qualificação em serviço.

O último bloco agrupou as questões relacionadas ao contexto escolar, buscou-se averiguar a existência de propostas de educação sexual na Secretaria Estadual de Educação e

nos Projetos políticos pedagógicos da escola na qual o/a professor/a trabalha. Neste bloco de perguntas também foram consideradas a posição do/a professor/a quanto o papel da escola frente à educação sexual, assim como, as/os professoras/es responsáveis por sua viabilidade na escola, bem como, a solução dos conflitos gerados com a abordagem do tema.

## **2.6 Procedimentos éticos**

Essa pesquisa foi apresentada através da Plataforma Brasil ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP –Araraquara, com o propósito de descrever e atender aos parâmetros éticos Por estar de acordo com as exigências da Resolução nº 466 de 2012, que estabelece parâmetros éticos para o desenvolvimento de pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, 1996, obteve aprovação através do parecer de número 1.179.322.

## **2.7 Procedimentos de coleta de dados**

Inicialmente o trabalho foi apresentado aos/as gestores/as e coordenadoras/es pedagógicos de cada escola. Com o aval dos mesmos foi possível expor os objetivos da pesquisa aos/as docentes das disciplinas em foco. A partir disso, entregou-se a cada professor/a um questionário com indagações que objetivavam responder aos objetivos deste trabalho. Todavia, as tentativas de resgatar via telefone, *e-mail* ou pessoalmente obteve-se o retorno de apenas sete docentes.

As respostas dos mesmos eram curtas, com elementos que não conseguiriam sustentar a natureza deste trabalho. Mediante este fato, foi pensada uma nova estratégia de captação de coleta de dados. Deste modo, o trabalho foi reorganizado no sentido de readequar o questionário de forma que fosse possível gravar em áudio as possíveis respostas de cada

participante da pesquisa. Assim, optou-se pela entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados.

Então, com a anuência das/os diretoras/es e coordenadoras/es pedagógicas as/os professoras/es foram contatadas/os, sendo-lhes apresentada a pesquisa e seus objetivos, assim como, o termo de Livre Consentimento Esclarecido (LCE). Mediante o consentimento assinado por cada uma dos/as participantes, as entrevistas foram gravadas em áudio, nos horários de intervalos entre as aulas, ou com agendamento prévio.

## **2.8 Procedimentos para análises dos dados**

Para analisar os resultados fundamentou-se na análise de conteúdo de acordo com os procedimentos descritos em Bardin (2011), porque segundo a própria autora, há um conjunto de técnicas para analisar a comunicação, para assim propiciar o agrupamento e organização dos resultados.

A partir de então, as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e agrupadas por similaridades de respostas. Logo depois, foram construídos argumentos que justificassem as respostas dos/as sujeitos da pesquisa. E, posteriormente, foram acrescentadas referências da literatura acadêmica que de alguma forma refletissem os argumentos provenientes das respostas obtidas em campo.

### **3 RESULTADOS E DUSCUSSÃO DAS ENTREVISTAS**

Com a intenção de dispor os dados de forma clara optou-se por subdividi-los de acordo com a organização do instrumento de coleta de dados. Neste sentido as discussões se processaram em três blocos, as quais são: Trajetória de formação, Atuação profissional e Contexto escolar.

#### **3.1 Trajetória de formação**

O objetivo de discorrer sobre a trajetória de formação das/os participantes é conhecer como a educação sexual é trabalhada nos cursos de graduação que formam as/os professoras/es de Ciências e Biologia, na tentativa de identificar se existe na grade curricular de alguma licenciatura literatura, dinâmicas e/ou direcionamentos específicos para que o/a professor/a em formação possa posteriormente abordar o tema.

Por isso, inicialmente indagou-se aos/as participantes se em algum momento, durante a sua graduação foram discutidas questões sobre a sexualidade. Nas respostas alguns/as professores/as alegaram não ter obtido nenhum tipo de discussão durante a graduação ou não ter percebido se houve ou não alguma discussão neste sentido.

Por outro lado, a maioria informou ter obtido formação na temática em questão. Contudo, há um esclarecimento de que as discussões foram avistadas de forma superficial e rara, porque os temas levados à sala de aula não eram aprofundados com leituras específicas ou outro tipo de direcionamento para sedimentação das discussões.

Neste sentido, a tabela número 2 indica a existência ou ausência de discussões sobre o assunto durante a graduação em Ciências Biológicas ou Ciências Naturais.

**Tabela 2-** Presença ou ausência de discussões sobre o tema durante a graduação

Categoria	Nº de ocorrência
Sim	8
Não	2

Fonte: Elaboração própria

*Pcb1: Não, nenhum momento.*

*Pcb2: Sim... Na verdade... Foi, foi colocado como se fosse um... Um tema que ... futuramente poderia ser trabalhado.*

*Pcb3: É porque assim... No curso de Biologia... A gente faz muito seminário, né?*

*Acerca desse assunto, não de como trabalhar com o sexo, a sexualidade. Mas sim, no caso das doenças, né? A gente tem muitos trabalhos sobre as doenças.*

Ao confrontar os dados da tabela 2 com o enunciado dos/as participantes percebe-se que há uma contradição. Posto que entre daquelas/es que afirmaram ter vivenciado discussões acerca da sexualidade durante seus respectivos cursos de formação inicial há sempre uma explanação para destacar que as discussões foram pertinentes a conteúdos relacionados à Biologia de maneira geral, e que, a sexualidade entra como um dos fatores de risco à saúde. Na prática, significa que as/os professoras/es não tiveram acesso à conteúdos, técnicas, discussões, entre outros elementos que pudessem auxiliá-las/os na prática de sala de aula quanto a educação sexual.

Entre os temas abordados nas universidades a gravidez na adolescência sobressai nas discussões que permeiam as licenciaturas aqui citadas. Segundo Santos (2015), isto ocorre porque no “processo de formação do/a professor/a de Biologia que trabalha educação sexual valoriza-se a formação de conhecimentos Biológicos específicos e que, nessa abordagem, as

questões sexuais aparecem de forma restrita” (p. 35) e o processo formativo torna-se lacunar e frágil frente às demandas de sala de aula.

O reflexo dessa formação limitada é a reprodução do aprendizado adquirido na academia e difuso na educação básica por estas/es professoras/es que acreditam efetuar a educação sexual quando ministram conteúdos sobre da reprodução, a sistemas genitais, prevenção de doenças e gravidez.

Percebe-se que sob o olhar das Ciências Biológicas o estudo da sexualidade centra-se sobre doenças que podem ser adquiridas através da atividade sexual ou sobre o corpo e suas alterações, enquanto matéria orgânica do ser vivo. Por isso as/os professoras/es alegam que as questões da sexualidade durante a graduação é um tema indissociável do curso de Biologia, não necessariamente pelas essencialidades pertinentes à sexualidade humana. Mas pelo estudo dos seres vivos envolvidos na tentativa de compreender a anatomia, a fisiologia, a reprodução, e as fases dos ciclos de vida.

A tabela 3 apresenta os temas frequentemente abordados na formação do/a professor/a de Ciências e de Biologia, cabe salientar que estes conteúdos estão contemplados na matriz curricular do curso de duas licenciaturas e em quatro universidades diferentes.

**Tabela 3** - Conteúdos sobre sexualidade discutidos durante a graduação

Categoria	Nº de Ocorrência
Gravidez/reprodução	6
Precocidade	1
Maturidade/anatomia dos órgãos	4
Sexualidade aguçada	1
Diversidade	1

Fonte: Elaboração Própria.

*Pcb1: A questão da gravidez. Mas sempre voltado pro é::: Forma anatômica e tudo mais, a questão da ... Precocidade, da maturidade dos órgãos, a questão da ... Da ... Da*

*como é? Da sexualidade aguçada, que tem a::: Diferença ... A diferença sexual, a diferença de opção.*

Ao se tratar do estudo da sexualidade na formação inicial dos/as professores/as de Ciências e Biologia é indiscutível que predominam os aspectos de natureza biológica. Tal fato pode ser justificado pela ausência de componentes que abarquem o tema nas matrizes curriculares dos cursos Ciências Biológicas ou cursos afins, que fujam do estudo da sexualidade sob esta visão com o objetivo de abraçar os aspectos subjetivos pertinentes à sexualidade humana e, conseqüentemente, a formação do/a professor/a. Segundo Leão (2012), o receio e o desinteresse por questões ligadas à sexualidade estão entre as muitas razões que tem freado as propostas de educação sexual na formação inicial das/os professoras/es de qualquer disciplina.

Por isso, é importante que as intuições de formação de professoras/es repensem e reformulem suas matrizes curriculares a fim de melhor preparar os/as educadores/as para o trato com as demandas sexuais vivenciadas pelas/os alunas/os, para que desenvolvam essa tarefa com compromisso social e político, visto que de acordo com os atuais processos e estratégias de formação não têm sustentação teórica necessária à prática do/a professor/a em sala de aula. Santos (2015) ao discorre sobre este tema afirma que,

Os/as professores/as precisam de formação adequada. Entretanto, nos cursos de graduação Biologia para o Ensino Fundamental e Médio, encontramos, geralmente, uma formação pedagógica frágil, muitas vezes, desprovida de análise fundamentada sobre os processos de ensino e seus condicionantes políticos, culturais, sociais e educacionais. (p. 35).

A questão seguinte interrogava as/os participantes se houve alguma disciplina específica para o acesso às discussões concernentes à sexualidade ou se as mesmas se deram em várias ocasiões, e se quando debatidos, as discussões embasavam-se em filmes, documentários, em algum módulo, trabalho, seminário, entre outros.



Segundo estes/as houve algumas disciplinas específicas da Biologia que contemplaram as discussões sustentadas por conteúdos relacionados ao corpo humano e alguma relação direta ou indireta com o tema sexualidade nas disciplinas de reprodução humana, histologia, fisiologia e embriologia.

A tabela 4 apresenta as disciplinas em que, em algum momento, propiciaram atividades pertinentes a sexualidade.

**Tabela 4** - Disciplinas que propiciaram as discussões sobre o tema sexualidade durante a graduação.

Categoria	Nº de ocorrência	Subcategoria
Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrência
Vida/ humana	Reprodução Histologia Fisiologia	11

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Olha em Embri/ em Embriologia eu estudei como a vida começa desde o embrião até a vida adulta...*

*Pcb2: Da histologia, né?*

*Pcb3: Lá na minha universidade, se trabalha por eixos, e o eixo sistemas vitais aborda toda essa parte é::: Como é que eu posso dizer? É fisiológica e morfológica do ser humano, e aí foi trabalhado um tópico especial na parte de, de sexualidade e sistema reprodutor.*

Considerando os dados da tabela 4 e os conteúdos que as/os professoras/es informam ter agregado como conhecimentos sobre a sexualidade durante a graduação, fica confirmado o enfoque predominantemente Biológico destinado à formação em sexualidade das/os professoras/es em questão, bem como, é possível compreender suas práticas na escola.

Segundo Werebe (1998), essa predominância dos aspectos biológicos no estudo da sexualidade humana perdura ainda hoje porque muitos estudos e pesquisas de natureza genética, embriológica e fisiológica permitiram a constituição de teorias capazes de justificar e explicar inúmeros eventos da sexualidade humana. A mesma autora ainda revela que tais estudos tiveram como objeto de estudo os caracteres físicos ou bioquímicos manifestados no organismo.

Contudo, Nunes (1987) explica que “é preciso considerar os diversos níveis e aspectos da sexualidade. O primeiro deles é o sexo biológico-reprodutivo” (p. 10); porém é necessário avançar para que se propicie ao/a futuro/a professor/a compreensão e o reconhecimento a diversidade expressada na singularidade de cada indivíduo. Isto implica, necessariamente, em ajustes na formação ofertada pelas atuais instituições que se destinam a licenciar as/os professoras/es de Ciências.

Para pautar as discussões os recursos mais usados nas universidades foram Seminários, seguidos da leitura de artigos e documentários organizados pelos próprios/as alunos/as. Mediante esses dados é relevante destacar que as/os professoras/es das licenciaturas devem propiciar momentos de autonomia as/aos alunas/os. Contudo, é indispensável o acompanhamento das atividades para evitar a disseminação de informações rasas, sem sustentação teórica ou equivocada pelo senso comum.

A tabela 5 expõe os recursos nos quais as atividades que envolveram a sexualidade foram sustentadas.

**Tabela 5** - Instrumentos utilizados para subsidiar a educação sexual na graduação

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrência
Seminários		3
Vídeos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filmes</li> <li>• Documentários</li> </ul>	2

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Pois é, a gente trabalha muito com seminário.*

*Pcb2: As disc/... Nós trabalhamos nas aulas da universidade seminários e tivemos a oportunidade de assistir alguns vídeos sobre educação sexual.*

*Pcb3: Artigos.*

*Pcb4: Filmes e documentários são mais utilizados*

Através da tabela 5 observa-se que os/as professores/as tiveram suas atividades sustentadas por seminários e vídeo. Constatou-se também que estas atividades se desenvolviam em grupos, nos quais os textos e atividades eram incumbência dos alunos.

Ainda nesta questão aqueles/as que afirmaram não ter acesso às discussões, que não sentem falta de ter participado de discussões nas quais o direcionamento apontasse para o trabalho com a educação sexual, porque até o momento desta pesquisa ainda não tinham observado entre as/os alunas/os nenhuma situação que necessitasse desta formação como afirmam, ao serem questionados se sentiu ou sente falta destas discussões.

Este dado revela que a ausência de formação para a educação sexual na escola é agravada pelo desconhecimento do/a professor/a. A educação sexual ocorre em todos os espaços ocupados pelos indivíduos e na sala de aula também. Contudo, alguns/as professores/as afirmaram não sentir falta de conhecimentos sobre o tema é um fato que implica em prejuízos para as dúvidas das/os alunas/os que as informações e nomes técnicos específicos da Biologia não respondem.

Por isso é urgente fornecer aos/as professores/as de Ciências e Biologia informações técnicas, científicas e didáticas sobre a importância deste/as profissionais para a educação sexual, posto que muitos deste/as já possuem abertura para iniciar e conduzir esta tarefa. No entanto sem qualificação adequada estes/as desconhecem seu papel no fazer pedagógico da escola. Santos (2015) acresce que,

O/a educador/a de Biologia que compreende o seu papel no processo educativo, ao ser chamado/a discutir conteúdos interdisciplinares como Educação Sexual, pode conduzir sua discussão ajustada a essa nova realidade que configura a educação sexual. Ser íntegra, ser teórica, mas trazer uma práxis comprometida com o ser. Os/as educadores/as de Biologia diante dos conteúdos de Anatomia, Fisiologia, reprodução e Genética, podem conduzir o ensino fundamentando-se nas prerrogativas de uma formação voltada para as necessidades do educando/a como ser em formação e se referenciar no saber do aluno/a. (p. 52).

A Tabela 6 apresenta informações sobre os/as professores/as que alegam não sentir falta de conhecimentos ou informações acerca da sexualidade durante sua formação inicial, assim como, na sua prática de sala de aula.

**Tabela 6** - Sentiu faltam de discussões sobre sexualidade na graduação

Categoria	Nº de ocorrência
<i>Não</i>	2

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb9: Eu acho que não.*

Buscou-se averiguar ainda, se durante a formação inicial as/os entrevistadas/os haviam sido esclarecidas/os, acerca do que seja a educação sexual, bem como, se receberam orientações de como implementá-la no contexto escolar. De posse dos resultados, identificou-se que uma parcela significativa das/os participantes afirmou nunca ter sido esclarecido sobre o que é a educação sexual ou de como implementá-la no contexto escolar e que quando percebeu uma certa abordagem acerca da temática na sua formação, observou que, naquele momento, a forma como o assunto foi apresentado fugia da matriz curricular do curso de Ciências Biológicas para a formação do/a professor/a de Ciências e Biologia, que de acordo com a grade tal abordagem lhe soou como um “extra” adicionado superficialmente sem objetivos claros, planejamentos pré-estabelecidos, sem vínculos formais com o curso ou a

própria disciplina e que por isso o conteúdo não chegou a configurar como um elemento formativo relevante para o profissional.

Já para outra/os professoras/es houve sim um esclarecimento sobre o que seria a educação sexual. Todavia, apontam que não receberam nenhuma orientação no que concerne a implementação da educação sexual na prática pedagógica. Observa-se que as/os professoras/es parecem acreditar que existe uma forma “exata” que os ensine como executar e promover a educação sexual na sala de aula. Contudo, é possível afirmar que não há uma fórmula que possa abranger as necessidades de todas as escolas. O que se busca é a reflexão do/a professor/a, para que este possa analisar a sua realidade, as suas demandas e urgências com o propósito de posicionar-se em favor das/os alunas/os.

Poucos/as professores/as explicaram que tipo de orientação que receberam durante a graduação para promover a educação sexual no seu fazer pedagógico em sala de aula. Embora as explanações sejam breves sem riqueza de detalhes demonstram que há professoras/es com alguns esclarecimentos sobre os direcionamentos que se deve dedicar ao abordar o tema. É possível que quando há um mínimo de investimento na formação do profissional, há também maior compreensão da educação sexual em prol do/a aluno/a.

Pensando nisso as/os participantes foram inqueridas/os sobre a presença ou ausência de esclarecimentos acerca da concepção de educação sexual assim como da existência ou não de procedimentos para implantá-la no contexto escolar. A tabela 7 expõe os dados relacionados aos questionamentos.

**Tabela 7** - Esclarecimento do que é a educação sexual durante a graduação e de como implementa-la na escola

Categoria	Nº de ocorrência
Não	6
Sim	4

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Não*

*Pcb2: Não, não ficou tão esclarecido assim não... Primeiro que nós vimos como ( ) ... Dentro de uma disciplina e nós só percebemos que se tratava de educação sexual porque foi mencionado de uma forma muito superficial, e nós percebemos que fugia da, da grade formativa.*

*Pcb3: Sim. Eu entendi que é::: O ensino da anatomia e da psicologia da reprodução humana. Mas em nenhum momento foi direcionado pra essa questão da prática pedagógica, entende?*

*Pcb4: Sim foi colocada de forma que deveria ser trabalhado como tema transversal, né? E aí mediante a isso, no caso é explanado não necessariamente pela nossa disciplina.*

Os dados indicados na tabela 7 denotam a concepção de educação sexual das/os participantes que acreditavam possuir embasamento teórico advindos da formação inicial para atuar com esta temática em sala de aula. Contudo, ao solicitar-se para que cada um explanasse como foi esse esclarecimento identificou-se que são argumentações de cunho biológico e com traços de médico-higienistas. Apenas professores/as que declararam ter vivenciado experiências embasada nos Parâmetros curriculares Nacionais apontaram conceitos aproximados de uma educação sexual emancipatória.

Também constatou-se que é elevado o quantitativo dos que alegam não apresentar embasamentos advindos da mesma formação nos cursos de licenciatura para atuar em sala de aula com o tema. E neste sentido, alegam não sentir falta desses esclarecimentos em suas práticas educacionais.

Esta situação compromete a escola e a sociedade porque o/a aluno/a sofre uma deformação na compreensão e na vivência da sexualidade, visto que se não tem acesso a uma discussão abrangente sobre o tema devido a escassez de discussão pode introjetar mitos e preconceitos sexuais que irá reproduzir em sua vida particular e socialmente. Sobre essa problemática (Leão, 2009) esclarece que,

A carência de preparo dificulta o desenvolvimento destes programas nas escolas, que por sua vez prejudicam o aluno, pois não lhe é possibilitado no ambiente escolar um espaço afável, em que possa manifestar livremente suas dúvidas e curiosidades. Além disso, este despreparo ainda compromete a própria escola, pois pode se tornar um espaço propício para a consolidação de preconceitos. (p. 96)

Uma das razões mais relevantes que norteia a prática docente é a compreensão dos conceitos que o/a professor/a se fundamenta para sustar a própria prática, por isso, na tabela 8 revela a compreensão do conceito de educação sexual das/os participantes.

**Tabela 8** - Compreensão e esclarecimento do conceito de educação sexual para a prática em sala de aula

Categoria	Nº de ocorrência
Sim	5
Não	5

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Sim, acredito*

*Pcb2: Não-o, mas quando... Não deu,*

*Pcb3: Então, na verdade ... Não foi aquele subsídio,*

*Pcb4: Assim... Se a gente for ver o lado... É:: do que a gente estudou, não.*

*Pcb5: Ah, sim. Si/ mas eu acho que parte muito mais da gente do que da minha própria formação em si. Da gente que eu digo é... Eu tentar me aprimorar.*

*Pcb5: Sim, acredito. Inclusive eu busco muito isso, tenho bastante material.*

.

*Pcb10: Me deu ... No sentido de estudar os PCN, né? Juntamente com todo os conhecimentos da área de bacharelado que nós trabalhávamos, né? Com questões bem ligadas as doenças sexualmente transmissíveis e uma coisa foi compensando a outra.*

Observando a tabela 8 percebe-se que metade dos/as professores afirma que houve uma fundamentação acerca do embasamento teórico para atuar com a educação sexual. E outra metade alega que não. Contudo, no decorrer das falas há entre aqueles/as que acenaram positivamente frente à indagação houve a explicação de que a sustentação teórica foi mínima e que a prática em sala de aula é que aprimorou o seu trabalho pedagógico propriamente dito.

A partir das afirmativas sobre a obtenção de embasamento para atuar com o tema na sala de aula, a tabela 9 esclarece onde e quais são os aportes nos quais as/os professoras/es buscam amparo para auxiliar o desenvolvimento dos trabalhos que envolvem a educação sexual na sala de aula.

**Tabela 9** - Subsídios usados em sala de aula pelo/as professore/as de Ciências e Biologia

Categoria	Subcategoria	Nº de Ocorrência
Internet	• DVD	3
Cotidiano	-	2
Palestras	-	1
Conversas/diálogos	-	2
Livro didático	-	1

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: É como eu falei antes com muita leitura e pesquisa mesmo na internet.*

*Pcb2: Ah, livro didático que é o norte maior, em segundo a internet, né? Conversa, diálogos com outros professores da mesma disciplina pra saber como abordar.*

*Pcb3: Olha, é::: No primeiro momento, no cotidiano, né? Nosso dia a dia com as atitudes dos jovens no cotidiano.*

Observando as informações dispostas na tabela 9, percebe-se que com facilidade de acesso e de velocidade das informações disponibilizadas internet é apontada como o maior



fornecedor de subsídios e suporte teórico-prático para os/as professores/as desta pesquisa quando se trata de educação sexual na sala. Vale lembrar existem outros elementos citados no auxílio do/a professor/a como palestras, leituras generalizadas, livros didáticos de Biologia, Ciências ou cadernos de saúde disponibilizados pela rede pública de saúde e também mesmo conversas entre professoras/es da própria disciplina para troca de experiências e de informações com viabilidade de execução, além de conversas e diálogos de acordo com a série e os conteúdos.

A forma de pensar que organiza os conteúdos acadêmicas em disciplinas seriadas é decorrente da ótica tradicional de um sistema educacional que valoriza apenas a posição do/a professor/a e não as necessidades dos/as alunos/as (Meirelles, 2001) se por ventura não for contextualizada.

Com o propósito de saber se as/os professoras/es sentem dificuldades, dúvidas ou receios decorrentes de uma possível formação lacunar no período da graduação questionou-se quais eram essas dificuldades enfrentadas na sala de aula por elas/es.

Na tabela 10 estão demonstrados os dados acerca das dificuldades vivenciadas pelas/os professoras/es quando abordam a educação sexual em suas aulas.

**Tabela 10** - Dificuldades encontradas no trabalho com a educação sexual na escola

Categoria	Subcategoria	Nº de Ocorrência
Não		0
Sim	O que fazer ou não?	1
	Como fazer?	4
	Quando fazer?	1
	Qual o limite do professor?	1
	Não vivenciei a experiência	2

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Na minha formação me falaram muito de sexualidade. Mas não me disseram O COMO trabalhar e ampliar isso?*

Os resultados disponibilizados pela tabela 10 revelam que a maioria das/os participantes admite possuir deficiências quando o assunto é educação sexual. Destas a principal é de como planejar e executar as atividades relacionadas à educação sexual porque desconhecem as limitações do que é permitido ou não abordar em sala de aula sobre o tema, sem que venham ser recriminados pelos pais e/ou comunidade escolar, por receio de usar uma linguagem inadequada que possa ser interpretada como agressiva demais para o ambiente escolar ou ainda que sem querer possam estar incitando o aluno à descoberta precoce do sexo. Neste sentido, as principais dificuldades estão relacionadas à ação docente sobre o que abordar, de que forma trabalhar, a duração e como desenvolver propriamente as atividades.

Assim, fica evidente que os/as professores/as entrevistados/as têm muitas dúvidas e receios de incluir este tema em sua prática pedagógica e o maior deles é o julgamento, especialmente, o julgamento que os pais podem fazer do/a professor/a que trabalha o tema além dos limites da anatomia, da fisiologia ou da embriologia. Desta forma, para não sofrer nenhum tipo de prejuízo na carreira e até mesmo a imagem pessoal, o/a professor/a opta pelo que está delineado e limitado nos livros didáticos específicos de Ciências ou Biologia de acordo com as séries. Contudo, muitos destes/as profissionais estejam cientes de que o/a aluno/a tem curiosidades maiores, dúvidas que apenas o conteúdo dos livros não consegue responder. Mas há outro fator que influencia a explanação do tema que é o posicionamento pessoal do/a professor/a. O medo de, supostamente, invadir a privacidade do/a aluno/a ou negligenciar os valores iniciados pelos pais ou contradizê-los. O maior receio é de estimular a sexualidade precoce dos/as alunos/as. Contudo, não se percebe que não tirar as dúvidas ou os anseios dos/as alunos/as significa deixá-los na ignorância. Neste caso, o não falar sugere que a ignorância sobre o assunto funcionará como uma medida profilática em relação aos desejos,

curiosidades, dúvidas e receios dos/as alunos/as. Mas, a ignorância não freia e nem protege a sexualidade, apenas a deixa mais vulnerável mediante as circunstâncias nas quais ela é negligenciada (Egypto, 2013).

Dentre aqueles/as que afirmam não ter vivenciado a experiência de trabalhar com assuntos com foco na sexualidade na escola, há a justificativa de que somente a partir da sétima série ou oitavo ano que o aluno começa a despertar ou ter curiosidades sobre tais conteúdos. Sendo assim, somente nas referidas séries é que se iniciam as abordagens relacionadas ao corpo e a sexualidade, obedecendo a sequência dos livros didáticos destinados a cada série. Logo o professor/a não trabalha com o tema porque não está na grade da série, do livro didático e os alunos não têm interesse pelo tema. Observa-se que as/os professoras/es não têm conhecimento das sugestões dispostas no PCN indicando a abordagem do tema De acordo com documento a sugestão deveria ser da seguinte:

A partir da quinta série do ensino fundamental, os questionamentos vão aumentando, exigindo progressivamente a discussão de temas polêmicos, como masturbação, início do relacionamento sexual, homossexualidade, aborto, prostituição, erotismo e pornografia, desempenho sexual, disfunções sexuais, parafílias, gravidez na adolescência, obstáculos na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, entre outros. (PCN, 1997, p. 315).

Contudo, na prática, os/as profissionais vêm adotando a postura de compartimentalizar os conteúdos em blocos advindos das coleções de livros didáticos sem atentar para fatos nem sempre sutis que se expressam no dia a dia da sala de aula. E assim, compartimentalizam as informações sobre a sexualidade para os alunos, e isto significa compartimentalizar a própria sexualidade (Egypto, 2013). E desta forma, há um distanciamento da realidade e das necessidades dos/as alunos/as que vivenciam as descobertas da sexualidade de forma ininterrupta desde o nascimento. Sendo que este distanciamento apenas agrava as inquietações de natureza sexual que circundam o espaço escolar.

Uma das maneiras de superar a situação descrita no parágrafo anterior é investir na qualificação do professor para que este tenha condições de reconhecer suas deficiências e redirecionar sua postura para com a abordagem do tema aqui discutido. Por isso, foi sondado junto a cada professora/a sobre a sua participação em palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à educação sexual. Mediante a sinalização positiva de alguns/as participantes solicitou-se também que explicassem quais as instituições que organizaram o evento, a duração média e o conteúdo abordado.

Com as respostas apresentadas ficou evidenciado que a educação sexual não está entre as urgências abraçadas pelas instituições que cuidam da educação básica e da formação dos/as professores/as atuantes neste nível de ensino, tendo em vista que foram consideráveis as respostas indicando que os/as professores/as nunca participaram de nenhuma palestra, curso, oficina, congresso ou qualquer tipo de atividade com características semelhantes relacionadas à educação sexual por falta de eventos desta natureza na cidade. Este dado revela o quão atada e negligenciada a educação sexual ainda está. Estes anúncios convergem com os escritos de Figueiró (2014), indicando que a posição marginal na qual esteve e ainda está colocada a educação sexual segundo a autora, esta situação decorre, entre outros fatores, da falta de prioridade das escolas no tratamento deste tema.

Neste sentido buscou-se conhecer quais os eventos de formação de professores/as que realizados em educação sexual na cidade e que os/as professores/as participavam. Na tabela 11 estão expostas as informações sobre a questão.

**Tabela 11-** Participação em eventos sobre educação sexual

Categoria	Nº de Ocorrência	Tipo de formação	Duração	Organizadores	Temas
Sim	2	Palestras/ cursos	Um ou dois dias	Prefeitura ou Estado	Prevenção de doenças, gravidez.
Não	8				

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Não, porque é muito RARO ouvir falar em educação sexual para que você possa ter uma HABILIDADE para que você possa lidar com este tema.*

*Pcb2: Eu participei uma vez de um curso na::: Oferecido pela prefeitura que era uma formação, mas voltada pra::: Educação de jovens e adultos.*

*Pcb3: Já, eu já participei no caso de alguns... Assim, a demanda no nosso estado pra ser bem sincero ela não é tão grande.*

Visualizando a tabela 11 verifica-se também que as únicas instituições que oferecem curso e/ou palestras são o Estado e a prefeitura. Nos cursos, segundo os participantes, há uma clara intenção curativa e/ou preventiva, os eventos duram um ou dois dias porque são cursos de natureza instrucional com a finalidade de instruir e normatizar os/as professores/as para procedimentos de identificação, prevenção e encaminhamento dos/as alunos/as em possíveis casos de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis da escola aos postos de saúde.

Santos (2015) assevera que a prática de utilizar a escola como instrumento de prevenção para as questões ligadas à sexualidade advém desde o início do século XIX porque a sexualidade tinha um caráter unicamente biológico.

Diante do paradigma médico-higienista, o Estado, como responsável pela Educação, colocou o tema da Educação sexual como prioridade, passando a ser utilizada como meio para comunicar e influenciar as massas populacionais para que se prevenissem. Assim, nesse momento histórico, entre a década de 1920 e 1930, a sexualidade humana era concebida como fenômeno exclusivamente Biológico. (p. 23).

Percebe-se, então, que a educação sexual que sustenta a prática dos/as docentes nas escolas investigadas está fortemente arraigada nos parâmetros médico-higienistas do século XIX e com finalidades controladas pelo poder público centralizado por poucos indivíduos.

Por isso busca-se compreender a atuação dos/as professores no cotidiano da escola a partir das demandas vivenciadas pelos/as alunos/as.

### 3.2 Atuação profissional

A partir da informação de que os/as professores/as tiveram ou têm pouco acesso à formação em educação sexual e/ou sexualidade, mas, conscientes ou não, direta ou indiretamente realizam a educação sexual com seus/as alunos/as, buscou-se conhecer como estes/as desenvolvem ou não suas atividades no ambiente escolar acerca deste assunto, quais os instrumentos recursos e metodologias são frequentemente desenvolvidos por elas/eles para o alcance de resultados positivos perante os anseios dos/as discentes.

Neste sentido, uma das principais questões a ser esclarecida foi sobre a concepção de educação sexual que vigora entre os/as participantes. Deste modo, constatou-se que durante as entrevistas muitos/as professores/as apresentaram certa dificuldade para conceituar a sua compreensão do que seja a educação sexual. A tabela 12 apresenta os conceitos emitidos.

**Tabela 12** - Refere-se ao conceito de educação que o/as professore/as possuem

Categoria	Subcategoria	Nº de Ocorrência
É sexo	Ato sexual	6
Cuidado com o corpo	Doença	3
	Proteção	3
É uma ciência	-	1
Não respondeu	-	1

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Hoje, eu entendo que a educação sexual é chegar lá .... Falar com o meu jovem sobre SEXO.*

*Pcb2: O Conhecimento do conhecer o seu corpo e as consequências de como o nosso corpo ele é usado, né? E como ele é um meio, um meio de transmissão de doenças, um meio também de, de pré / preservação, né?*

*Pcb3: Bom... Seria de, a forma de entender, de compreender a:: Morfofisiológicas do sistema reprodutor é:: Vinculado ou atrelado a o:: As como é que eu posso te dizer?*

*Aos... Meu Deus é difícil... ((risos)) Eu tenho que pensar um pouquinho...*

*Sei lá...Vinculado ah:: Sei lá cara! ... Tá, o que eu entendo de educação sexual? ... É o entendimento que-se-de-ve-dá as características morfofisiológicas do sistema reprodutor, tanto masculino quanto feminino atrelado a:: Ao saber das doenças que são sexualmente transmissíveis, aos cuidados que se deve dá a:: Determinadas doenças que que podem ser fatais como a AIDS, às vezes a sífilis ou:: Enfim...É:: Os métodos, atrelados também aos métodos de prevenção, é como a camisinha e:: a:: Vários outros e a questão da gravidez, a responsabilidade social.*

A tabela 12 deixa claro como a visão estritamente preventiva é predominante, alguns/as precisaram de uma longa pausa para responder ou reorganizar sua resposta e reformular seus conceitos. Uma vez que por não terem acesso a nenhuma forma de capacitação formal acerca do assunto, muitos demonstraram como são graves as dificuldades vivenciadas pelos/as professores/as para trabalhar esse tema além dos parâmetros ofertados pela Biologia, visto que, embora elas/es tenham clareza que a sexualidade é algo além dos conteúdos disponibilizados nos livros didáticos ou nos planos de curso, eles/as não conseguem fugir destas amarras limitantes das disciplinas que ministram. E isto provoca uma certa confusão para o/a próprio/a professor/a em relação aos conceitos de sexo, sexualidade, educação sexual e do ato sexual. Eles/as usam palavras com mesmo sentido para denominar conceitos, situações e fatos semelhantes ou próximos que resultam em consequências desfavoráveis para o aluno.

Mesmo entre alguns/as professores/as que já têm contato com algumas leituras e/ou participaram de eventos nos quais, de alguma forma, foram discutidas questões sobre o

assunto, há elementos na fala destes, que transparecem a natureza biológica, preventiva e curativa da educação sexual a ser viabilizada na escola.

Tal fato permite inferir que a ausência de leituras ou contatos com conhecimentos científicos sobre sexualidade e/ou educação sexual deixam os/as professores/as suscetíveis a propagação e fortalecimento dos equívocos presentes no senso comum. E, segundo Furlani (2005), no ambiente escolar, geralmente, os temas ligados à sexualidade incorrem pelo senso comum, inclusive entre os/as professores/as. Para a autora um equívoco muito frequente nas escolas está em associar os conceitos de sexo, sexualidade e educação sexual com o ato sexual.

Em geral, pela falta de maiores esclarecimentos, falta de acesso à informações mais técnicas, e com isso os/as professores/as declararam que todos estes conceitos estão entrelaçados e podem ser resumidos pela palavra sexo, entendido como ato sexual entre o homem e a mulher.

Santos (2015) informa que entre os principais desafios do/a professor/a de Biologia ao se permitir o trabalho com educação sexual é a falta de contato com teorias sobre a assunto que lhe permita a reflexão da prática educacional, enquanto processo de ensino e de aprendizagem, no qual há sujeitos/as e realidades que exigem um preparo profissional ético e desprovido de preconceitos.

Por isso é necessário disponibilizar aos/as professores/as, especialmente aqueles/as que estão em sala de aula, acesso à informações de natureza técnicas-científica sobre este assunto de maneira urgente. Segundo Leão (2012) esta é a ferramenta mais segura para desenrolar o emaranhado de conceitos equivocados e distorções preconceituosas que circulam entre as concepções de educação dos/as professores/as acerca da educação sexual.

De maneira geral, há entre os/as professores/as, coordenadoras/es e os demais sujeitas/os da escola uma visão que aproxima a sexualidade, sexo, doenças sexualmente



transmissíveis, gravidez precoce das disciplinas Ciências e Biologia por as associarem diretamente com o fator saúde-doença decorrente de alicerces históricos, culturais e financeiros.

Em razão desta realidade, e buscar se os entrevistados comungam deste posicionamento, questionou-se junta a eles/as quem deve ser o/a professor/a mais indicado para efetivar trabalhos de educação sexual na escola.

A tabela 13 informa sobre os/as professores/as mais indicados/as para trabalhar com sexualidade na escola de acordo com os/as participantes.

**Tabela 13** - O/a professor/a responsável pela educação sexual na escola segundo os/as entrevistados/as

Categoria	Nº de ocorrência
Professor de Biologia	5
Professores de todas as disciplinas	5

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Eu acho que, que tem ser um professor de Ciências, de Biologia tem porque, porque não tem como você é:: Separar, porque, por exemplo, quando a gente fala dos desejos sexuais dele, isso tá relacionado ao processo hormonal, né?*

*Pcb2: Não existe professor responsável, todos são responsáveis já que é um tema transversal qualquer um pode... Falar em qualquer disciplina pode trabalhar.*

*Pcb3: A o professor de Biologia sim, sem dúvida. O de Biologia e de Ciências, né?*

*Pcb4: Eu acredito que os mais indicados sejam os professores de Ciências mesmo, os de Biologia, os de educação física porque são os que tem mais domínio sobre a questão do corpo propriamente.*

Observando os pontos de vista emitidos, e a tabela 13 aferiu-se que apenas dois grupos de respostas divergentes. As respostas do primeiro grupo de professores/as apontou que as questões da sexualidade ou de educação sexual apresentam forte relação com hábitos que

objetivam a conservação da saúde do corpo ou ainda os eventos biológicos que ocorrem no corpo. E, na escola as disciplinas que objetivam ou que tratam destas questões são ciências e Biologia. Logo, segundo este grupo de entrevistadas/aos, os/as professores/as mais indicado para atuar com o tema deve ser sim os/as professores/as que ministram as disciplinas de Ciências e Biologia.

De fato, não se pode negar que existem eventos biológicos desencadeados por fatores emocionais, sociais, culturais aprendidos historicamente que se cristalizam no e através da matéria do corpo. Considerando também que, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), há indicações de que conhecimento do corpo, valorização e os cuidados da saúde são condições mínimas para se usufruir do prazer sexual, é oportuno estimular estes/as profissionais para uma prática pedagógica que colabore com o autoconhecimento do corpo e do que acontece com ele quando estimulado por fatores externos ou internos. E por isso, é imprescindível que os/as professores/as de Ciências e Biologia tomem a dianteira da educação sexual na escola. Para Santos (2015) estes/as são professores/as que podem propiciar o encontro da sexualidade em diferentes disciplinas e desta forma contribuir para o crescimento do/a aluno/a a partir da significação da informações.

Ao abordar Educação Sexual o professor/a de Biologia contribuirá na construção da visão de corpo, suas marcas, reações e expressões e dentre os/as educadores/as de disciplinas escolares do Ensino Médio, é alguém capaz de cooperar para o início da discussão e, a colaborar para que os conceitos se inter cruzem com diferentes disciplinas. (Santos, 2015, p. 37).

Todavia, para tanto, é preciso criar condições para que estas/es professoras/es consigam considerar e inserir nas suas aulas os outros aspectos que envolvem a sexualidade tais como o aspecto cultural e social. Além disso, também é necessário criar estratégias de comprometimento deste/as com a participação de toda/os que frequentam a escola, do contrário estará ferindo ou até mesmo anulando a natureza multidimensional que a educação

sexual pede, bem como, propiciando o reforço e a legitimação do discurso científico, como único e verdadeiro e desprezando as práticas socioculturais, a efetividade presentes no âmbito da sexualidade dos/as educandos/as.

Já para outro grupo de entrevistados, todos têm a incumbência de efetivar a educação sexual na escola. Contudo, os/as professores/as ainda não conseguem justificar ou esclarecer porque é preciso envolver todos os/as professores/as e sujeitos/as da escola ou de que forma isso pode ser concretizado de forma interdisciplinar e/ou transversalisados na prática escolar.

No entanto, essa percepção acerca de que a educação sexual perpassa por outras disciplinas além da Biologia, demonstra que estes/as professores/as, de alguma forma, já demonstram interesse em sensibilizar colegas de outras disciplinas para o trabalho com as questões pertinentes à sexualidade na escola. De acordo Figueiró (2014), essa é a opção que melhor favorece e facilita os trabalhos sobre este tema. Segue a autora esclarecendo que:

Os conteúdos próprios da transversalidade só serão cumpridos em sua totalidade se seus vários/as professores/as de uma mesma escola reunirem-se para planejar, dividir tarefas e fazer avaliações e replanejamento. Isto porque a sexualidade necessita das informações atualizadas para o compreensão do que se vive no presente a partir das construções em outras épocas possíveis de serem compreendidas em várias disciplinas que o conhecimento está organizado. (p.73).

Considerando as explanações das/os participantes sobre o que vem a ser a educação sexual, assim como, quem deve ministrá-la no ambiente escolar, e também as fundamentações que parecem justificar seus posicionamentos, concepções e também como a secretaria de educação disponibiliza a formação continuada em temas relacionados ao foco deste trabalho. Foi solicitado aos/as entrevistados/as que informassem se após formados/as haviam participado, em serviço, de algum curso de formação continuada voltado para sexualidade. Ademais para aqueles/as que afirmaram ter participado solicitou-se que indicassem o local no qual o curso foi realizado, quem organizou e a duração do mesmo.

Assim, foi indicado que além de pouco frequente nos currículos de formação inicial dos/as professores/as de Ciências e Biologia, a sexualidade também é um tema ínfimo nas instituições de formação cuja função é oferecer cursos de formação continuada. As informações obtidas com os/as sujeito/as desta pesquisa apontam para um quantitativo elevado da inexistência de cursos com tema sexualidade ou educação.

**Tabela 14** - Indica a participação ou não em cursos de formação continuada em educação sexual

Categoria	Nº de Ocorrência
Não ou nunca	8
Sim	2

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Não.*

*Pcb2: Assim, como eu tô falando, né? Como, como eu disse... Depois que eu ME FOR-ME-I na graduação que eu participei desse projeto saúde e prevenção na escola. Participei foi durante dois anos. Mas depois de um tempo nunca mais me convidaram.*

Dentre aqueles/as que relataram já ter participado de cursos com enfoque na sexualidade, houve o esclarecimento de que, os cursos foram desenvolvidos por instituições governamentais de forma esporádica, com foco nas questões relacionadas à saúde do/a aluno/a, ou ainda, para conter possíveis casos de gravidez precoce com duração variável entre uma manhã, um dia inteiro ou dois dias seguidos. E que, posteriormente, não houve sequenciamento do curso.

Fatos desta natureza retardam os avanços da educação sexual porque não há acompanhamento da aprendizagem teórica, tampouco das possíveis atividades aplicadas após cada curso ou sequenciamentos para avançar nos estudos da sexualidade enquanto Ciência capaz de abraçar a Biologia e outras Ciências. Logo, não são avaliadas as dificuldades do

processo, bem como, os conteúdos ministrados, o alcance das finalidades estabelecidas para atingir as/os alunas/os. E para que a formação continuada seja eficaz em seus propósitos é necessário acompanhamento durante todas as fases observando os entraves e avanços para a autorreflexão da prática que cada professor/a desenvolve no seu dia a dia (Figueiró, 2014).

Embora sem formação inicial ou continuada adequada todos/as os/as professores/as entrevistados/as consideraram o tema deste trabalho relevante no contexto de suas respectivas realidades educacionais. Então, procurou-se averiguar que tipo de ação estes/as professores/as desenvolvem com seus/as alunos/as em suas práticas que de alguma forma possam abranger temas veiculados à educação sexual.

E desta forma, constatou-se que na prática pedagógica dos/as entrevistados/as predomina a compreensão de que a educação sexual é falar de sexo. E falar sexo, por sua vez, significa trabalhar aos órgãos sexuais masculinos e femininos que conseqüentemente “puxam” outros temas como gravidez, DST, métodos anticoncepcionais, entre outro.

Todos esses fatos devem sim ser trabalhados em sala de aula. Contudo, devem estar contextualizados de modo a se ter subsídios favoráveis às dúvidas e necessidades experimentadas pelas/os alunas/os. Do contrário, o/a professor/a ficará aprisionado ao aspecto biológico, qual a finalidade restringe-se ao estudo da anatomia e fisiologia das genitálias, o processo de reprodução humana e principalmente ao estudo do corpo adoecido sexualmente pelo ato sexual. Sobre essa prática Furlani (2005) defende que ela anula as possibilidades eróticas do corpo. Diz a autora que,

Quando falamos em sexo, podemos estar nos referindo às genitálias (um atributo corporal, morfológico, anatômico) que identificam e distinguem um macho (homem) de uma fêmea (mulher). Essa definição atrela o conceito aos órgãos reprodutores e, portanto, associa-o (o sexo) visão reprodutiva, além de restringir a compreensão de sexo à genitalidade, desconsidera o alcance das possibilidades eróticas dos corpos. (Furlani, 2005, p. 45).

E assim, as peculiaridades e subjetividades que envolvem a sexualidade humana são abandonadas em detrimento dos caracteres sexuais da espécie de acordo com sua posição taxonômica entre os seres vivos, bem como a vulnerabilidade destes aos agentes infecciosos.

Todas/os os/as professoras/es são desafiadas/es frente a fatos que envolvem questões de ordem sexual dos/as alunos/as, sobretudo no que diz respeito a assuntos como gênero e diversidade. No entanto, geralmente, não intervém em favor dos/as mesmos/as por não saber como proceder nessas situações.

Percebe-se assim, que existem demandas para a formação continuada em educação sexual para qualificar o/a professor/a já que a formação inicial é lacunar e o/a professor/a precisa de atualização constante para ser um profissional qualificado capaz de elaborar um trabalho de qualidade de maneira a contribuir através do processo de ensino-aprendizagem para a formação escolar e humana do/a aluno/a.

Segundo Figueiró (2014), uma formação continuada em sexualidade permite o crescimento do/a professor/a beneficiando direta e indiretamente o/a aluno/a, segundo a pesquisadora,

.... se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e no processo ensino aprendizagem como um todo. Ainda, especialmente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois, refletir sobre questões ligadas à sexualidade e a educação sexual contribui, sobremaneira, para repensar sobre o papel do professor. Pode dar-lhe aprimoramento em sua capacidade de ser empático com os alunos e nas habilidades necessárias para trabalhar valores, atitudes e sentimentos .... Deve ser desenvolvida dentro de uma perspectiva na qual o papel da escola seja concebido como o de formadora da pessoa para o exercício da cidadania. (Figueiró, 2014, p. 109).

Por esta razão procurou-se identificar quais são os conteúdos ministrados em sala de aula quando as atividades envolvem a educação sexual decorrentes das demandas na escola ou dos conteúdos a serem executados pelos professores. Na tabela 15 são exibidos os assuntos mais frequentes sobre a temática.

**Tabela 15** - Conteúdos trabalhados pelos/as professores/as em educação sexual nas aulas de Ciências e Biologia

Categoria	Subcategoria	Nº de Ocorrência
Doença sexualmente transmissível	Prevenção	4
	Proteção	2
Gravidez precoce	Órgãos genitais	2
	Reprodução	3

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Já, quan/ quando eu trabalhei é:: O sistema reprodutor masculino e feminino e todo o conjunto de reprodução, atividade reprodutiva, nós fizemos uma série de debates, em sala de aula mesmo onde eu coloquei temas que não estavam nos conteúdos. Mas faziam parte do conhecimento da sexualidade, como, os distúrbios sexuais, a gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, que é o preservativo.*

*Pcb2: Sim, nós fizemos é::: Uma Questão de um trabalho de conscientização da prevenção sobre DST.*

Todos das/os as/os entrevistadas/os percebem a importância e a necessidade urgente de se tratar da sexualidade. Posto que, no dia a dia são vivenciadas inúmeras situações envolvendo este assunto. Apesar disso, nem todos conseguem visualizar que direta ou indiretamente, planejada ou não com ou sem objetivos preestabelecidos, efetuam, de alguma forma, a educação sexual em suas aulas. Ainda assim, estes confirmam que nas aulas que envolve a saúde do corpo humano são utilizados projetores de imagem, sondagens prévias, cartazes panfletos, cartilhas de posto de saúde, cartilhas de cursos, internet, livros didáticos para viabilizar e enriquecê-las.

Contudo, além desses recursos, tecnológicos e/ou impressos, é importante que o/a docente observe sua prática, sua linguagem, o ambiente e, principalmente, o público que apreende as aulas, considerando como as informações são recebidas pelos/as discentes para a garantia de uma aprendizagem contextualizada e com significação real para o/a aluno/a.

Vale destacar que a ausência de cuidados com o planejamento e a aplicabilidade desta em sala pode incorrer em apenas mais uma forma de organizar o trabalho pedagógico do/a professor/a para facilitar a sua exposição de conteúdos na sala de aula.

Portanto, é necessário repensar o currículo de Ciências e de Biologia nas escolas e em cada turma, não como um conjunto de conteúdos listados pela secretaria de educação para ser aplicados em uma determinada série. Ele deve ser construído em um processo que leve em consideração as realidades vivenciadas pela comunidade escolar, bem como as finalidades no intuito de desmitificar a educação sexual que trabalha apenas o aparelho reprodutor, e que, demonstra como deficitária, ultrapassada e ineficiente (Ribeiro & Prado, 2013).

A partir da informação de que existem no dia a dia das/os entrevistados/as situações que exigem a efetivação da educação sexual, foi solicitado que as/os professoras/es indicassem quais eram demandas percebidas por eles/as na sala de aula, se por ventura existissem, como eles/as envolviam outras/os professoras/es e a coordenação pedagógica, por exemplo, além das medidas adotadas frente a estas situações.

Assim, se percebeu que a deficiência na formação do/a professor/a interfere até mesmo na percepção desta/e em reconhecer os tipos de demandas de ordem sexual no cotidiano escolar. Isto significa que no curso do dia a dia das experiências que os/as alunos/as possuem em desvelar o que há nos encantos, curiosidade e dúvidas da sexualidade, o/a professor/a não reconhece no comportamento, na linguagem escrita, falada ou gesticulada da/o aluna/o outro tipo de demanda se não aquelas estereotipadas e muitas vezes preconceituosas. Tendo em vista que eles/as conseguem detectar apenas o que denominam de sexualidade precoce.

Discutindo, ainda, sobre as demandas que emergem no cotidiano da escola é necessário uma reflexão acerca do papel de cada personagem que a compõe. Afinal, qual o papel da coordenação escola, do/a diretor/a e do/a próprio/a professor/a mediante as situações que envolvem a sexualidade na escola?



Segundo as/os entrevistadas/os a primeira medida a ser tomada quando se identificam essas questões é levar a coordenação. E, geralmente, a coordenação age no sentido de proibir e punir toda e qualquer manifestação da sexualidade no ambiente escolar. Santos (2015) alega que estas medidas, normalmente, estão sustentadas em leis e documentos legais da educação brasileira.

A forma de pensar e agir dos coordenadores/as, inspetores/as e diretores/as e mesmo professores/as é contraditória, por vezes, preconceituosa. Ora está embebida num discurso legal fundado, inclusive, em leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN, ora assume o caráter punitivo e discriminativo. (Santos, 2015, p. 14)

Desta forma, além de reprimir da manifestação sexualidade também está sendo neutralizada a ação do/a professor/a que não se permite dialogar com o/a aluno/a no intuito de elucidar a situação, conhecer as razões de determinados fatos estarem ocorrendo naquele momento com aquela/e aluna/o.

**Tabela 16** - Principais demandas observadas na escola pelas/os professoras/es

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrência
Sim	Precocidade	8
Não vivenciou a experiência	-	2

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: “Não a gente não chegou nessa fase ainda, porque as minhas turmas são só de piquininhos, graças à Deus.*

*Pcb2: “Olha, até o momento nas salas de aula que eu estou trabalhando eu ainda não abordei o assunto. E ainda também não conversei com a coordenação.*

Outras/os professoras/es informaram que seus alunos/as são muito pequenos, em geral do sexto ano, e por isso ainda não tem noção do que seja a sexualidade e, portanto, não a

manifestam na sala de aula, sendo assim, o/a professor/a assevera não ter vivenciado experiência desta natureza. Contudo, nestas afirmações o que se percebe é a precariedade da formação em educação sexual dos professores/as de Ciências e Biologia.

A educação sexual se faz presente no indivíduo desde antes do seu nascimento quando os pais escolhem a cor de suas roupas, de seu quanto e até mesmo na escolha do próprio nome da criança para que não seja “incoerente” com o sexo biológico e não destoe da vida do grupo social e cultural no qual a criança será imersa. Portanto, afirmar que alunos do sexto e sétimo ano não emitem nenhuma demanda que requeira a educação sexual na escola, apenas denuncia a falta de contato com informações e formações adequadas para as/os professoras/es.

Por isso é importante conhecer de que forma se processam as atividades, que envolvem a educação formal, observando como a comunidade estudantil recebe, responde e apreende as informações, bem como, as demandas e recursos deste processo no contexto escolar.

### **3.3 Contexto escolar**

Além de conhecer a trajetória de formação das/os professoras/es, os conceitos e concepções que norteiam sua prática docente, também era necessário conhecer o contexto escolar que estes/as desenvolvem seus trabalhos para compreender se a educação sexual executada por eles/as tem resultados concretos para os alunas/os.

Os dados mostraram os/as professores/as não se sentem aptos/as para trabalhos desta natureza. Além disso, acreditam que a inserção de outras/os profissionais como psicólogas/os e sexólogas/os são condicionantes que a educação sexual ocorra.

Egypto (2013) se contrapõe a esse tipo de pensamento. Segundo o autor aquelas/es que acreditam que trazer um/a médico/a, um/a psicólogo/a, um/a especialista, enfim, para uma

palestra ou uma semana de combate a uma determinada doença não contribui para que os objetivos sejam alcançados já que são apenas informações técnicas.

A simples passagem de informação, embora muito relevante e de fundamental importância para o processo educativo não se constitui, em si, nesse processo. Em outras palavras, fornecer a alguém informações sobre determinados fatos não é, isoladamente, um processo educativo, embora possa fazer parte desse processo. Informar é uma atividade de ensino, em construção e não de educação. (Vitiello, 1997, p. 94).

O referido autor ainda destaca que é importante que a escola e os/as professores/as construam canais de debates contínuos com as/os alunas/os.

Mediante as experiências já vivenciadas ou não pelos/as entrevistados/as, enquanto professor/a, solicitou-se a estes/as se sentem profissionalmente qualificados/as para atender as demandas que surgem com as/os alunas/os no tocante à educação sexual.

A tabela 17 está evidenciando o sentimento de capacitação para atuar com a temática, ou seja, se o/a professor sente que possui condições técnicas para trabalhar as questões da sexualidade na escola.

**Tabela 17** - Sentimento de capacitação para atuar com a educação sexual em sala de aula

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrência
Sim	Pela minha experiência	2
Não	-	8

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Me sinto. Pela própria experiência com eles.*

*Pcb2: Não exatamente... Assim... Naquilo que pertence a Biologia eu me sinto sim.. Mas, além disso, eu não posso afirmar que sim, né? Isso já envolve outros conhecimentos, outros profissionais.*

Os dados da tabela 17 mostraram que os/as professores/as não se sentem aptos/as para trabalhos desta natureza. Além disso, acreditam que a inserção de outras/os profissionais como psicólogas/os e sexólogas/os são condicionantes para atenuar as dificuldades por eles/elas vivenciam e para que a educação sexual ocorra. Posto que, os/as participantes/ indicam que se sentem capacitados para trabalhar com a educação sexual apenas nos enfoques que a biologia permite, sendo que as demais dimensões devem ser abordadas por outros profissionais.

Considerando que os livros didáticos e paradidáticos são usados como instrumentos para auxiliar os/os professoras/es no dia a dia da sala de aula, assim como também, as práticas em educação sexual das/os professoras/es questionou-se a estes, quais os livros didáticos ou paradidáticos que abordam de forma adequada o assunto.

A tabela 18 expressa as informações acerca dos livros didáticos e paradidáticos que trabalham adequadamente os conteúdos pertinentes a sexualidade humana pelas/os pelas/os professoras/es de Ciências e Biologia.

**Tabela 18** - Livros didáticos ou paradidáticos que abordam de forma adequada a educação sexual para os/as professores/as

Categoria	Subcategorias	Nº de Ocorrência
Livros didáticos de Ciências e/ou Biologia dos autores	Conteúdo específicos de Biologia	10
Não conheço	-	10

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Eu não conheço.*

*Pcb2: Olha paradidático eu não conheço nenhum... Mas os didáticos, qualquer um da área da, da Biologia abrange. Agora adequado ou não isso depende do professor, porque cada autor tem o seu ponto de vista, não que esteja errado, pode não está adequada a realidade do aluno. Talvez, assim, aquele autor seja mais interessante para aquele contexto*

*aquele, aquele pessoal, daquele lugar e o livro B aborde um conceito melhor pra uma outra realidade.*

*Pcb3: Olha na realidade tem, tem livros, eu não vou ( ) eu vou ser bem sincero... Na realidade, a questão... Que eu pego mais a questão de... Tecnológica mesmo... Porque o acesso é bem mais rápido é livre... Um livro específico, eu vou ser bem sincero pra ti. Eu não tenho esse conhecimento de LIVRO, da parte teórica em si. Um livro específico... Te dizer o autor ou algo parecido.*

Os resultados da tabela 18 apontaram que as/os professoras/es não conhecem nenhum autor/a que trabalhe, especificamente, com a sexualidade na escola. Alguns/as admitiram não conhecer e outras/os, na tentativa de dar uma resposta condizente com a sua prática, citaram autores/as e livros da Biologia, ou seja, autores/as de livros didáticos destinados ao ensino de Ciências ou de Biologia como Sonia Lopes, Amabis e Paulino. Para as/os participantes estes/as como são autores/as que explicam detalhadamente as imagens dispostas nos livros de Ciências ou de Biologia. Contudo, segundo os/as entrevistados/as, qualquer livro da Biologia é capaz de abordar de forma adequada as questões que envolvem a sexualidade. Isso é, a disposição e detalhamento das imagens bem como, a descrição dos processos biológicos, uma vez que os/as professores/as compreendem a sexualidade como decorrente unicamente da reprodução e da conservação da saúde do corpo.

Apesar disso, também é destacado pelas/os professoras/es a necessidade de contextualizar os conteúdos sugeridos nos livros de acordo com as realidades e necessidades, essa sugestão abre espaço para que o/a professor/a de Ciências ou Biologia trabalhe em consonância com as demandas evidenciadas no cotidiano da escola, ainda que, os livros possam apontar outros direcionamentos, posto que este não é um recurso fim para as aulas de educação sexual.

Dada a relevância do tema para todo ser humano, o papel do/a professor/a na escola e as discussões favoráveis ou contrárias a educação sexual na escola, buscou-se saber nesta pesquisa se as/os professoras/es entrevistadas/es consideravam papel da escola a responsabilidade de promovê-la no ambiente escolar. Se não, questionava-se novamente, a quem recaía esta função.

Na tabela 19 são apresentados os dados referentes a concepção de responsabilidade da escola em relação a educação sexual que os/as professores/as acreditam.

**Tabela 19** - O papel da escolar frente à educação sexual

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrência
Família	Iniciar a educação sexual	10
Escola	Complementar a educação iniciada pela família	10

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Eu acho que não é assim, não tem um, ah::: A ESCOLA. É a família e a escola em conjunto.*

*Pcb2: É papel da escola complementar... Porque também deve vir uma base de casa, né?*

A tabela 19 demonstra que de forma unanime, as/os entrevistadas/os responderam que o papel da escola no tocante à educação sexual é de complementar as informações que, inicialmente, devem ser provenientes da família. Neste sentido, Santos e Leão (2014) argumentam que “é na família que surgem as bases das atitudes sexuais.” (p. 129). Vitiello (1997) também acrescenta que “a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores/as, pois apenas a família e a escola, como instituições sociais, conseguem... Atuar de maneira continua e duradoura.” (p. 15). E, desta forma, a iniciação deve ocorrer com

a família iniciando a educação sexual das/os filhas/os e à escola cabe a função de complementação daquilo que a/o aluna/o já obteve previamente em casa.

No entanto, é preciso cautela nessa situação porque este pode ser um discurso usado para não aceitar na escola a inserção de questões ligadas a sexualidade e de caráter urgente como foi o caso das discussões sobre a inserção ou não dos estudos de gênero na escola, e que, gerou muita discussão e “boicote” ao tema nos municípios brasileiros.

Há inúmeros fatores que agravam esse tipo de discussão porque as famílias diferem umas das outras em valores, hábitos, religião e fundamentalmente porque não possuem as ferramentas que a escola possui para colaborar com o auto desenvolvimento da/o aluna/o. Acerca deste posicionamento Egypto (2013) declara que,

Estabelece-se que a sexualidade é função da família. Em primeiro lugar, a família não costuma ter domínio da questão para lidar adequadamente com ela. Segundo, não tem o controle dos meios, dos aportes e de informações e estímulos que vêm de todos os lados .... Por isso que acreditamos ser muito importante que a escola possa trabalhar sistematicamente a questão da sexualidade. Isto não compete à família. (p. 14-15).

Somando a este pensamento, Santos e Leão (2014) argumentam que é importante sim a participação da família. No entanto, é preciso ter cautela com essa iniciação na família, uma vez que alguns posicionamentos tendem a causar obstáculos severamente negativos a educação sexual na escola.

Ao nos referir à importância da família nessa discussão, fica percebido que o diálogo restrito no espaço familiar das questões sexuais tem agravado esse debate em sala de aula. Os/as professores/as consideram essa questão como importantes obstáculos que se interpõem no processo de discussão sobre os temas sexuais. (Santos & Leão, 2014, p. 127).

Sendo assim, é necessário prover os/as professores/as de ferramentas que lhes permitam refletir acerca de seu papel de educadores/as dentro da escola enquanto espaço de

aprendizagem e interação social. Assim como, para que não se eximam, tampouco a escola, de maneira geral, da responsabilidade e comprometimento com a educação sexual.

Os/as professores/a alegaram que é dever oferecer a educação sexual para seus/as alunos/as, então, também foi investigado se as escolas na quais estas/es profissionais desenvolvem suas atividades assumem a educação sexual em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP). Para tanto, com os/as professores/as foram inqueridos/as se havia uma proposta de educação sexual inserida no PPP da escola, solicitou-se também que o/a professor/a explicasse como era a proposta, quais os objetivos pleiteados nela, qual a abrangência entre as/os alunas/os, assim como, os resultados positivos ou negativos. O Projeto Político Pedagógico é um documento construído pela comunidade escolar para direcionar as ações no decorrer do ano letivo é necessário considerar o público envolvido, assim como, as necessidades que a escola apresenta sem desconsiderar o contexto histórico, social, econômico, político e cultural no qual a instituição está inserida (Barros, 2013). Afim de propiciar que os papéis de cada sujeito/a seja efetivado em consonância com as necessidades das/os discentes.

A tabela 20 revela informações sobre a existência ou ausência de propostas de educação sexual no Projeto político pedagógico das escolas.

**Tabela 20** - O projeto Político Pedagógico da escola possui uma proposta de educação sexual

Categoria	Nº de ocorrência
Não tem	7

Fonte: Elaboração Própria.

*Pcb1: Não tem.*

*Pcb2: Olha, agora pra ser sincera agora, esse ano, propriamente É::: Eu não ouvi falar isso não.*



A tabela 20 demonstra que apesar da importância deste documento, dentre as escolas pesquisadas constatou-se que em algumas delas não há um PPP construído por todos os indivíduos que deveriam fazê-lo. Além disso, há casos em que a escola não possui o PPP pronto as informações obtidas nas escolas asseguravam que o documento estava em revisão, em construção, ou sob a posse de um/a funcionário/a específico/a que no momento da pesquisa não se encontrava na escola ou ainda, simplesmente não existe.

Desta forma, o tema sexualidade ou educação sexual não é abraçado pela escola, tampouco pelas/os professoras/es, uma vez que se não está presente no PPP o tema fica sem direcionamento, sem objetivos transversalizados, restritos ao arbítrio de alguns/as professores/as.

Considerando também que é neste documento que a escola indica qual é o tipo de sujeito/a que ela quer formar, sem desconsiderar a realidade escolar bem como, a realidade social do/a aluno/a, é pertinente, que segundo Barros (2013), sugerir as coordenações, grupos de professores/as e funcionários a revisão, reformulação de seus PPP no intuito de aventar a inserção das temáticas relacionadas ao corpo, gênero e sexualidades de modo que estejam presentes de forma permanente sob a responsabilidade da comunidade escolar, e não como atribuição de um/a ou outro/a professor/a

Detectado que as escolas não possuíam uma proposta de educação sexual nos seus PPP, procurou-se saber, através das interpelações, se as/os entrevistadas/os tinham conhecimento da existência de alguma proposta de educação sexual para o Ensino Fundamental II ou para o Ensino Médio na Secretaria Estadual de Educação. Ao se analisar os resultados ficou claro que os/as professores/as se sentem temerosos/as para abordar a temática. Esse temor decorre da falta de clareza em saber quais são os amparos legais que possam assegurar-lhes a abordagem da educação sexual de forma coesa e significativa para as/os alunas/os.

Por isso, quando questionados/as, acerca do nome exato desses documentos, elas/es informam que são o projeto político pedagógico da escola, plano nacional do livro didático, porém não indicam uma coleção ou um livro exato, a Constituição brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da educação. No entanto, sem citar nenhum artigo ou capítulo mais preciso, e por fim alegam asseguram-se na própria disciplina ou em outros casos os/as professores/as assumem que de fato não possuem conhecimento da existência de nenhum documento que possa lhes resguardar para abordagem da educação sexual em suas aulas. Segue na tabela 21 as informações fornecidas pelas/o professoras/es sobre o amparo legal à educação sexual.

**Tabela 21** - Conhecimento dos/as professores/as sobre a existência ou não da proposta de educação sexual pela secretaria de educação do Estado do Amapá

Categoria	Nº de Ocorrência
Sim	1
Não/ não conheço	9

Fonte: Elaboração Própria.

*Pcb1: Olha eu não conheço... Nem pra Biologia nem pra Ciências.*

*Pcb2: Tem, [...] Ela tem, mas só se eu professor correr atrás, só eu chegar lá e procurar.*

A partir destes dados é possível inferir que embora os documentos citados possam garantir subsídios em favor da educação sexual, no curso da entrevista ficou evidenciado que este foi citado de forma “ingênuo”. Mesmo entre aquelas/es que citaram os Parâmetros Curriculares Nacionais como documento legal, que agora também encontrasse com validade incerta, foi de maneira duvidosa ou em forma de questionamento.

Desta maneira, fica evidenciado o desconhecimento dos aspectos que conferem legalidade do tema no ambiente escolar. Tal fato configura-se como um dos fatores

determinantes para que o/a professor/a possa abraçar a sexualidade nas aulas, especialmente no que se refere as ações pertinentes a prática pedagógica que possam apresentar alguma relação com o tema.

As respostas foram predominantemente negativas, havendo ainda casos em que, hipoteticamente, o/a professor/a afirmava a existência de uma possível proposta em função do conhecimento de documentos de amplitude nacional para o tema. No entanto, por se tratar apenas de uma suposição, o/a entrevistado/a não conseguia explicar tal proposta quando indagado acerca dos seus objetivos e características. Apenas um/a professor/a informou a existência de atividades desenvolvidas pelo estado nesta área. Todavia, o/a professor/a explicou que ela não é acessível e tampouco divulgada nas escolas. Por essa razão, muitas/os colegas de profissão a desconhecem.

E de fato, durante os trabalhos de investigação desta pesquisa, detectou-se que existe na Secretaria de Educação do Estado um departamento denominado de Núcleo de Atendimento à Saúde do Educando (NASE), cuja função é desenvolver ações preventivas e curativas à saúde da/o aluna/o no âmbito escolar. Dentre os temas abraçados pelo NASE está a sexualidade na escola.

Para desenvolver suas atividades o departamento dispõe de um/a técnico/a pedagógico/a que elabora e aplica oficinas e palestras sobre sexualidade para a prevenção da saúde frente às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e HIV/AIDS, com duração média de quatro horas mediante solicitação documental do/a professor/a ou da escola.

Essas palestras e oficinas foram criadas para serem desenvolvidas nas escolas com todas/os as/os professoras/es. Porém, na prática, geralmente, para não provocar atrasos ou alterações no calendário escolar ou em disciplinas específicas, quem normalmente participa das palestras ou oficinas são os/as coordenadores/as pedagógicos/as que recebem a

incumbência de multiplicar as informações obtidas em suas respectivas escolas. De acordo com as demandas e disponibilidades vivenciadas nas escolas. No entanto, na prática, ninguém sabe se realmente elas/es efetuam o trabalho na escola porque não há acompanhamento para saber qual foi o retorno do trabalho.

Quando se trata de Educação sexual um dos maiores receios das/os professoras/es é o receio das possíveis reações negativas ao seu trabalho. Por isso foi questionado se os/as professores/as se sentiam amparados legalmente para a abordagem da educação sexual na escola ou se tinham conhecimento da existência de documentos que conferissem essa segurança aos/as docentes.

A tabela 22 contém as os nomes ou siglas dos documentos citados pelas/as professoras/es como documentos que sustentam legalmente seu trabalho em educação sexual.

**Tabela 22** - Se o professor/a se sente preparado para lidar com o tema e os documentos legais que se apoia para este trabalho

Categoria	Subcategoria	Nº de Ocorrência
Me sinto	Disciplina	1
	PNDL*	1
	LDBEN**	2
	PCN***	2
Não me sinto	Não Conheço nenhum	6

\*Programa Nacional do Livro Didático; \*\* Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; \*\*\*Parâmetros Curriculares Nacionais.

Fonte: Elaboração Própria.

*Pcb1: Não... E documento legal também não, nem no PPP eu poderia falar que eu me apoio, né? ... Mas eu acho que deve existir.*

*Pcb4: A própria LDB, né? O PNDL*

Ao se analisar os resultados da tabela 22 ficou claro que os/as professores/as se sentem temerosos/as para abordar a temática. Esse temor decorre da falta de clareza em saber quais são seus amparos legais de modo que possam assegurar-lhes a abordagem da educação sexual de forma coesa e significativa para as/os alunas/os.

Por isso, quando questionados/as, acerca do nome exato desses documentos, eles/as informam que são o projeto político pedagógico da escola, o Plano Nacional do livro Didático, porém não indicam uma coleção ou um livro exato, a Constituição brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da educação. No entanto, sem citar nenhum artigo ou capítulo mais preciso, e por fim alegam assegurar-se na própria disciplina ou em outros casos as/os professoras/es assumem que de fato não possuem conhecimento da existência de nenhum documento que possa lhes resguardar para abordagem da educação sexual em suas aulas.

A partir destes dados é possível inferir que embora os documentos citados possam garantir subsídios em favor da educação sexual, no curso da entrevista ficou evidenciado que este foi citado de forma “ingênua”, mesmo entre aqueles/as que citaram os Parâmetros Curriculares Nacionais como documento legal, ainda que agora também se encontra com validade incerta.

Desta maneira, fica evidenciado o desconhecimento dos aspectos que conferem legalidade do tema no ambiente escolar. Tal fato configura-se como um dos fatores determinantes para que o/a professor/a possa abraçar a sexualidade nas aulas, especialmente no que se refere as ações pertinentes a prática pedagógica que possam apresentar alguma relação com o tema.

Para os/as professores/as que afirmaram atuar com a temática da sexualidade questionou-se de que forma as alunas/os eram atingidas/os por estas propostas de educação sexual. Na tabela 23 são apresentadas as formas pelas quais os/as professores/as afirmam atingir os/as alunos/as nas aulas que incluem a sexualidade.

**Tabela 23** - Como as/os aluna/os são atingidas/os com as propostas de educação sexual.

Categorias	Nº de Ocorrências
Começam a perguntar	9
Se sentem a vontade	1

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Eu acho que mais em termos de, de ter um pouco mais de... Tirar as dúvidas deles na verdade né?*

*Pcb2: Aquilo que:: Eles não se sentem a vontade em conversar com os seus familiares, aquilo que eles não se sentem a vontade em conversar com um amigo e tudo mais eu, eu permito que eles se sintam a vontade... Em colocar isso, né? Velho ditado né? Melhor prevenir do que remediar*

A tabela 23 informa que discutir sexualidade com as/as alunas/os na escola é urgente, poeto que ao serem indagados/as sobre como as alunas/os são atingidas/os por atividades que envolvam a educação sexual os/as professores/as indicaram que os/as alunos/as têm muitas dúvidas que ao tocar no assunto, automaticamente, eles se concentram com muita atenção e surgem, em decorrência disso, inúmeras perguntas e também curiosidades pelo corpo do sexo oposto. E é desta forma que a maioria das/os professoras/es percebe que atingiu seus objetivos nas aulas sobre a educação sexual.

Segundo Guimarães (1995, p.15), episódios desta natureza são recorrentes porque “Examinar o fenômeno da aprendizagem entorno do sexo, aguça o interesse olhar, ouvir, sentir e refletir o cotidiano”, e conduz ao conhecimento real sobre si e sobre o outro. Além disso, o/a professor/a também desperta a confiança do aluno melhorando assim, a relação professor/a aluno/a e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Outro ponto que merece destaque é que alguns/as professores/as alegam que quando a/o aluna/o não se sente a vontade para conversar com amigos e familiares trás para a escola o

professor/a suas confidências. E talvez, a procura pelo professor/a de Ciências e Biologia ocorra porque a/o aluna/o perceba nas aulas destas/es professoras/es uma oportunidade de se aproximar e esclarecer suas dúvidas. Posto que em geral, o/a aluno/a não visualiza essa possibilidade com outras/os professoras/es.

Um dos maiores entraves para a educação sexual na escola é o posicionamento das famílias frente às ações para inserir a temática na sala de aula. Por isso, buscou-se conhecer como as/os professoras/es atuavam com as famílias neste sentido.

Na tabela 24 há informações relacionadas ao envolvimento das famílias nas propostas de educação sexual nas escola.

**Tabela 24** - Como as famílias são envolvidas nas propostas de educação sexual

Categories	Nº de Ocorrência
Não há participação da família	3
A família não é informada	1
Conversas/sondagens	4

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb:1 Ainda não foi possível essa parte, é:: Atuar com a família.*

*Pcb2: Bom aí, quando ela sabe eu já até abordei ((risos)).*

*Pcb3: Hum ... não, geralmente as famílias não participam de nada aqui. A escola convida, mas dificilmente eles aparecem na escola. Não porque a escola não procura. Mas porque as famílias realmente não vêm.*

*Pcb4: Ah, eu mostro a importância da educação sexual pra pessoa se defender, e que é necessário como qualquer outro tipo de, de conhecimento.*

As informações emitidas através da tabela 24 e através das informações emitidas pelas/os participantes foram bastante diferenciadas, há professores/as que alegam não

informar as famílias acerca da abordagem do tema, em suas aulas, porque segundo elas/es, embora a escola chame e se disponha a informar os pais sobre suas ações, estes dificilmente participam das solicitações escolares de seus/as filhos/as.

Além disso, outro motivo é a ausência de uma proposta de educação sexual no seu projeto político pedagógico. Logo, não faz parte das prioridades a serem abordadas com os pais.

Constam nos dados também que aqueles/as professores/as que conseguem a atenção dos pais para informá-los acerca das propostas a serem efetivadas na sala de aulas, inicialmente, ouvem as famílias no intuito de conhecer o que pensam se julgam responsáveis pela educação sexual das/os filhas/os, e se acham pertinente à escola trabalhar o tema, e se por ventura estas/es se mostrarem contrários ao trabalho das/os professoras/es e sugerem um acompanhamento mais próximo feito pelas próprias famílias através de observações em casa e/ou na escola.

Percebe-se que os/as professores/as mesmo sem formação adequada sabem que é imprescindível o apoio da família nas práticas educacionais que requerem a educação sexual, ainda que este não seja um componente do PPP da escola. É necessário que se assegure a viabilidade da proposta buscando também a família para que conheçam, colaborem, tirem suas dúvidas e, sobretudo, para que apoiem a proposta, como aponta (Egypto, 2013).

Ribeiro (1990) chama a atenção para o fato de que a escola, enquanto espaço de convívio social, transita entre o privado (família) e a comunidade (social). Por consequência, ela deve possibilitar ao/a aluno/a oportunidade de interagir com outras visões, outros corpos, outras identidades no intuito de permiti-lo a desenvolver a tolerância, em relação a si próprio, ao outro e aos possíveis posicionamentos que de alguma forma possam divergir dos seus no intuito de fortalecer e reconhecer as diferenças para o convívio no ambiente escolar.



Assim, para evitar conflitos e alcançar os objetivos estabelecidos para cada contexto que necessita da educação sexual sistemática é necessário envolver todos os membros que direta ou indiretamente constituem ou frequentam a escola.

Dados os procedimentos realizados ou não junto às famílias se investigou também os possíveis casos de resistência ou conflitos entre os/as professores/as e a comunidade escolar (famílias, professoras/es, gestores/as, coordenação, funcionárias/os) diante da inserção da educação sexual. Para este questionamento as respostas apresentaram divergências em relação à existência ou ausência de conflitos.

Na tabela 25 estão os dados referentes a existência ou ausência de conflitos disponíveis.

**Tabela 25** - Refere-se à existência ou não de conflitos entre as/os professoras/es e a comunidade escolar quando as atividades envolvendo a sexualidade

Categorias	Subcategorias	Nº de ocorrências
Não há conflitos	Diálogos evitam os conflitos	6
Há conflitos	Dialogo diminuem os conflitos	4

Fonte: Elaboração própria.

*Pcb1: Eu acho que sempre vai existir conflito, e será mais conflitante ainda se a gente inserir algo que não seja antes conversado, discutido e analisado por todas as partes do processo.*

*Pcb2: Olha o dialogo é o melhor remédio pra isso tudo, tá? Porque às vezes vê pais é::: Duvidosos da sua capacidade de educador em repassar esses conteúdos e as vezes você vê curiosos e não resistência de fato. Entendeu? Eu nunca tive problemas com relação a isso.*

*Pcb3: Não... Não existe conflito, é livre.*

A tabela 25 e as falas indicam que para um grupo há ou sempre haverá conflitos envolvendo as partes aqui citadas quando as discussões na escola forem para tratar da sexualidade neste ambiente. Entretanto, para outro grupo de professoras/es os conflitos são inexistentes porque a escola é um lugar para aprendizagem de maneira geral e os/as professores/as têm autonomia no desempenho de suas atividades. Contudo, os dois grupos foram unânimes em afirmar que a melhor forma de evitar ou diminuir as resistências e as situações conflitantes na escola é através do diálogo com todas as partes envolvidas.

“O tema sexualidade humana é inesgotável e vivacional” (Guimarães, 1995, p. 16). Por isso, ao ser trabalhado na escola deve ser muito bem discutido e articulado, especialmente com relação à família. Pois a família, com raras exceções, é repressora no que concerne à constituição de valores, concepções, atitudes de natureza sexual. Em vista disso, deve-se permitir ou criar condições para que “O diálogo seja uma alternativa para o trabalho pedagógico da educação sexual, e que o/a educador/a enfrente dificuldades de estabelecer essa discussão de forma a atender as necessidades de alunos e alunas.” (Santos e Leão, 2014, p.121).

Neste sentido, a escola, de maneira geral, que deve incorporar a educação sexual em seus planejamentos a fim de garantir ao/a professor/a a segurança de seu fazer pedagógico sem conflitos intra ou extra escolar.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se nesta pesquisa que, em se tratando de conteúdos associados à sexualidade na formação inicial as/os professoras/es de Ciências, as orientações ocorrem especificamente sobre os conteúdos próprios da Biologia em disciplinas como Embriologia, Anatomia, Reprodução Humana e Histologia. E que nunca houve nenhum esclarecimento acerca das dimensões históricas, culturais ou de qualquer outra ordem que não fosse a biológica. Portanto, o conhecimento sobre sexualidade que o/a professor/a de Ciências e Biologia leva de sua formação inicial é sobre a denominação dos componentes de órgãos e sistemas, a anatomia e fisiologia destes, bem como, as prováveis alterações decorrentes da ação hormonal, dos caracteres secundários ou ainda por meio de estados de adoecimento provenientes da infecção por microrganismos.

Sendo assim, ao se depararem com as situações em que a sexualidade é manifestada no ambiente escolar a/o profissional não sabe como proceder para auxiliar a/o aluna/o, especialmente no que se refere as inquietações e dúvidas do/a aluno/a quanto as próprias descobertas. E geralmente, os/as professores/as estão “presos/as” ao limite do que é permitido ou não fazer na abordagem de qualquer atividade em sala de aula que envolva questões sobre gênero, sexualidade, diversidade. Além disso, não possuem contato com a literatura científica sobre o assunto, tampouco com eventos que disponibilizem tal contato.

Portanto, a formação inicial, em educação sexual, interfere sobremaneira na ação docente do/a professor/a de Ciências e Biologia porque enfoca e restringe-se aos tipos de tecidos que constituem os órgãos sexuais, nomenclaturas técnicas, possíveis agentes infecciosos capazes de desencadear doenças, composição celular, eventos bioquímicos, fases do desenvolvimento humano, glândulas, hormônios e suas respectivas funções, entre outros componentes da matriz curricular das licenciaturas que habilitam os/as professores/as para atuarem com Ciências ou Biologia nas escolas de escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Neste sentido, a ação docente do/a professor/a de Ciências ou Biologia, apenas, reafirma e reproduz para as/os alunas/os em sala de aula o conhecimento advindo da graduação e reafirma a educação sexual do silêncio, da fragmentação, distante das necessidades vivenciadas pelos/as alunos/as no dia a dia e sem efeitos de sentido suficientes para alterar positivamente as possíveis experiências que experimentar.

Por isso, é preciso repensar a supervalorização do discurso sobre o/a professor/a destas disciplinas e a associação direta com a educação sexual. Uma vez que estes não são os únicos com possibilitar o desenvolvimento de propostas de educação sexual na escola.

Uma possibilidade de modificar a situação dos/as professores/as em relação à prática e postura pedagógica sobre a educação sexual é com a formação em serviço. No entanto, ficou evidenciado que a maioria nunca, participou de nenhum evento que abarcasse conteúdos, metodologias, dinâmicas, recursos, literaturas sobre educação sexual. E que por isso o/a professor/a além de não ter embasamento teórico para trabalhar e não sabe onde encontrar os subsídios adequados ao seu trabalho porque em alguns casos a formação foi frágil demais, de modo que este não consegue se quer reconhecer ou identificar quais são as dificuldades que a sua prática docente revela.

Também percebe-se que educação sexual empregada nas escolas ainda possui características decorrentes do modelo médico higienista de séculos passados e as razões para isso também são as mesmas, ou seja, diminuição dos custos com saúde pública para o Estado. Mas, apesar disso, o próprio Estado, enquanto, órgão mantenedor da educação, teoricamente, de uma educação pública de qualidade, não investe na formação das/os professoras/es que já estão vinculadas/os de forma permanente em seu quadro de professoras/es. Uma vez que também foi detectado que a Secretaria de Educação Estadual possui apenas um/a técnica pedagógica para atender a todas as demandas de capacitação de professores/as e assuntos

pertinentes direta ou indiretamente sobre a/o aluna/o em todo o Estado do Amapá em apenas um departamento.

Além de questões sobre sexualidade, esse departamento também tem a incumbência de atender demandas de casos de drogas, saúde odontológica e visão, ou seja, na prática não é um departamento ou órgão exclusivo para a educação sexual na escola no Estado do Amapá.

Logo, a sugestão sustentada neste trabalho é o investimento na formação continuada dos/as professores. Posto que, são urgentes as necessidades dos/as alunos/as que estão experimentando as potencialidades do corpo nas experiências vivenciadas e postas pela sexualidade. Assim como, são urgentes as dificuldades das/os professoras/es em lidar com este assunto.

Considerando a ausência de esclarecimentos na formação inicial, a falta de formação continuada e a inexistência de cursos específicos na área e, sobretudo a ausência de propostas de educação sexual inseridas nos projetos políticos pedagógicos das escolas, percebe-se que ainda são necessários muitos estudos e esclarecimentos sobre o assunto nas escolas da cidade de Macapá, no sentido de desmistificar conceitos e praticas que não atendem as mudanças contemporâneas.

Neste sentido, o modo mais eficaz tais mitos e preconceitos é o investimento na formação todos/as professores/as. Contudo, para amenizar as demandas que já circulam no ambiente escolar pode-se aproveitar o discurso sobre a proximidade entre a sexualidade e os docentes de Ciências e Biologia iniciem e liderem as discussões sobre o tema na escola, uma vez que a carência de profissionais e estudos é imensa.

Além disso, há escassez de pesquisas sobre esse assunto no Estado do Amapá, por isso, há também urgência de estudos que permitam compreender as razões pelas quais as universidades que formam as/os professoras/es de Ciências e Biologia no Estado não disponibilizam ao/as seu/as alunos/as o aprofundamento em temas relacionados a sexualidade,

também são necessários esclarecimentos histórico aprofundados sobre a política de estudos de gênero e sexualidade realizada pelo Estado observando a evolução das discussões do tema nas escolas da rede estadual, assim como, os registros e procedimentos adotados ou desenvolvidos nos casos de abusos e violências sexuais envolvendo as/os alunas/os

## REFERÊNCIAS

- Altmann, H. (2001, Jul./ Dez.). Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares nacionais. *Estudos feministas*, 9(2):575-585.
- Azzi, S. (2012). Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: Pimenta, S. G. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. (pp. 39-69). São Paulo: Cortez.
- Bardin, L. (2011). *Análises de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barp, M.R.T. (2010). *Sexualidade e evolução humana: O conflito entre o ser social e o ser biológico*. Porto Alegre: Alternativa.
- Barros, S. C. (2013, 8 de Novembro). Questões que integram o PPP. *Diversidade e Educação*, 1(1):8.
- Brandão, C, R. (1982). *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense.
- Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC.
- Busquets, M.D., Cainzos, M., Fernandez, T, Leal, A., Moreno, M., & Sastre. G. (1997). *Temas transversais em educação: Bases para uma formação integral*. (6 ed.) São Paulo: Ática.
- Candau, V. M. (Org.). (2013) *A didática em questão*. (35 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chauí, M. (1984). *Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Diniz-Pereira, J. E. (2013, Jul./ Dez.). Construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. *Revista da FAEEBA. Educação e contemporaneidade*, 22(40):145-154.
- Egypto, A. C. (2013). O projeto de orientação sexual na escola. In Egypto, A. C. *Educação Sexual na escola: Um projeto apaixonante*. (2a ed., pp. 13-31). São Paulo: Cortez.
- Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de educadores sexuais: Adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

- Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: Adiar não é mais possível*. (2a ed.). Londrina, PR: Eduel.
- Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação sexual: Retomando uma proposta um desafio*. (3a ed.). Londrina: Eduel.
- Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso: Aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. (L. F. A. Sampaio, Trad.) (24a ed.), (Coleção leituras filosóficas). São Paulo: Loyola.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Furlani, J. (2005). *O bicho vai pegar! – Um olhar pós- estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Gondra, J. G. (2000). *Arte de Civilizar: Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. (Tese de Doutorado). Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guimarães. I. (1995). *Educação sexual na escola: Mito e realidade*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Leão, A.M.C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP- Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Leão, A.M.C. (2012). *A percepção dos (as) professores (as) e coordenadores(as) dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. 259 f.



- Relatório de Pós-Doutorado (Sexologia e Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Brasil.
- Leão, A. M C., Rezende, O. R. & Ribeiro, P, R, M (2008). Parâmetros Curriculares Nacionais: A repressão sexual contida na orientação sexual. In Ribeiro, P. R. M. (Org.) *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: Contribuições Ibero-Americanas para estudos de educação, gênero e valores*. (pp. 13-28). Araraquara-FCLAR-UNESP: Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Libâneo, J. C. (2013.) *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Maia, A. C. B. (2004). Orientação sexual na escola. In Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias, organizado*. (pp. 153-180). São Paulo: Editora arte e Ciência.
- Maia, A, C, B., & Maia, A, F. (2005). Processo de Educação sexual e repressão sexual. In Maia, A. C. B. & Maia, A. F.(Orgs.). *Sexualidade e infância*. (pp. 35- 44). (Cadernos Cecemca 1). Bauru-SP: Unesp.
- Maia, A, C, B., & Ribeiro, P, R, M. (2011). Educação Sexual: Princípios para ação. *Doxa*. 15(1):75-83.
- Meirelles, J. A. B. (2001). Os Ets e a gorila: um molhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In Aquino, J. G. *Sexualidade na escola* (3a ed., pp. 71-86). São Paulo: Summus.
- Melo, S. M. M. (2004). O invólucro Perfeito: Paradigmas de corporeidade e formação de professores. In Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias, organizado*. (pp. 73-113). São Paulo: Editora arte e Ciência.
- Nunes, C, A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. (2a ed.) Campinas, SP. Papyrus.

- Pena, A. L. (2015). *Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Ciências Biológicas, Instituto de Física, Instituto de Química, Faculdade UNB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Pimenta, S. G. (2012). *Saberes pedagógicos a atividades docentes*. (8a ed.). São Paulo, Cortez.
- Quadrado, R. P. (2013). Corpos híbridos: Problematizando as representações de corpo no currículo escolar. In Ribeiro, P. R. C. *Corpos, gênero e sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico anos iniciais*. (3a ed. revisada, pp. 19-25). Rio Grande, RGS: FURG.
- Ribeiro, A. I. M., & Prado, V. M. (Orgs.). (2013.). *Falando sobre gênero e sexualidade na educação: Vamos nos permitir?* Curitiba: CRV.
- Ribeiro, P. R.C. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: E.P.U.
- Ribeiro, P. R.C. (2013). Sexualidade e escola. In Ribeiro, P. R. C. *Corpos, gênero e sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico anos iniciais* (3a ed. revisada, pp. 44- 47). Rio Grande, RGS: FURG.
- Ribeiro, P. R. C. & Quadrado, R. P. *Corpos, Gêneros e Sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico- séries finais*. (3a ed. revisada, pp. 16-21). Rio Grande, RGS: FURG editora.
- Rodrigues, L. R. & Scheid, N. M. J. (2008, set./dez.). Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto. *Educação*, 33(3):5252-542. Recuperado de <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>
- Santos, B. W. & Leão, A. M. C. (2014). A educação sexual e o ensino de Biologia: Possibilidades, possibilidades desafios e limitações de uma prática. *Doxa*, 18(1,2):115-130.

- Santos, W. B. (2015). *Adolescência heteronormativa masculina: Entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária* (Coleção Entregêneros). São Paulo: Intermédios.
- Santos, W. B. (2015). *A educação sexual no contexto de Biologia*. São Paulo: Novas edições Acadêmicas.
- Scott, J. W. (1995, Jul. / Dez.). Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. 20(2):71-99.
- Straus, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamental*. (L. O. R., Trad.) (2a ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Suplicy, M., Egypto, A, C. Branco, C, C. Gonçalves, E, V. Menocci, D, T., Silva, R,C., Sayão, Y., Silva, M, R, Bock. & Silva, M, C, P. (Orgs.). (2000). *Sexo se aprende na escola*. (3a ed.). São Paulo: Editora Olho d'água.
- Valladares, K, K.(2001). *Orientação Sexual na Escola: De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – MEC*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Quartel.
- Vitiello. N. (1997). *Sexualidade quem educa o educador: Um manual para jovens pais e educadores*. (2a ed.). São Paulo. Iglu.
- Werebe, M. J, G. (1998). *Sexualidade, política e educação*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Yus, R. (1998). *Temas transversais: Em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artmed.

**REFERÊNCIAS CONSULTADAS**

- Figueiró, M. N. D. (2014). *Educação sexual no dia a dia*. Londrina: Eduel.
- Louro, G. L. (Org.). (1999). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica
- Macedo, M. C. C. (2012). A metodologia da orientação sexual. In Egypto, A. C. *Educação Sexual na escola: Um projeto apaixonante*. (2a ed., pp 59-70) São Paulo: Cortez.
- Louro, G. L. (2001). *Currículo gênero e sexualidade*. Porto: Editora Porto.
- Messeder, S. A. & MARTINS, M. A. M. (Orgs.). (2010). *Enlaçando sexualidades*. (Vol. 1). Salvador: Editora EDUNEB.
- Morris, D. (2001). *O macaco nu: Um estudo do animal humano*. 14a ed. Rio de Janeiro: Record.
- Nunes, C. & Silva, E. (2000). *A educação sexual da criança: Polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores associados.
- Picazio, C. (1998). *Sexo secreto: Temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus.
- Reis, G. V. & Ribeiro, P. R. M. (2005). Sexualidade e educação escolar: Algumas reflexões sobre a orientação sexual. In Maia, A. C. B. & Maia, A. F.(Orgs.). *Sexualidade e infância*. (pp 35- 44). (Cadernos Cecemca 1). Bauru-SP: Unesp.
- Salgado, C. R. S. (2012). Passando a limpo um rascunho interminável. In Egypto, A. C. *Educação Sexual na escola: Um projeto apaixonante*. (2a ed., pp 81-88). São Paulo: Cortez.
- Sayão, R. (1997). Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e os saberes da escola. In Aquino, J. G.(Org.). *Sexualidade na escola alternativas teóricas e práticas*. 3a ed. São Paulo: Summus.

- Sayão, Y. (1997). Orientação sexual na escola: Territórios possíveis e necessário. In Aquino, J, G.(org.). *Sexualidade na escola alternativas teóricas e práticas*. 3a ed. São Paulo, SP. Editora Sammus.
- Souza, N. G. S. (2013). *O corpo como uma construção biossocial: Implicações no ensino de ciências*. In Ribeiro, P. R. C. & Quadrado, R. P. *Corpos, Gêneros e Sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico- séries finais*. (3a ed. revisada, p. 16-21). Rio Grande, RGS: FURG editora.
- Souza, N. G. S. (2013). Que corpo a escola produz? In Ribeiro, P. R. C. *Corpos, gênero e sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico anos iniciais* (3a ed. revisada, pp. 17-18). Rio Grande, RGS: FURG.
- Toscano, M. (2000). *Esteriótipos Sexuais na educação*. Petropolis, RJ: Vozes.

## APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO

### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Izelma de Souza Costa, aluna do curso de Pós-graduação, em nível de mestrado do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, sob orientação da professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão venho por meio desta apresentar a pesquisa : “Análise da formação e da prática em educação sexual dos professores de ciências e biologia de algumas escolas estaduais de Macapá-AP”, que tem o objetivo de conhecer a formação e as informações em educação sexual dos professores de Ciências e Biologia através de sua trajetória de formação inicial e continuada, e, em sua prática em sala de aula. Os resultados contribuirão para compreensão da realidade no que diz respeito a esta temática no Amapá.

Nesta etapa do projeto serão coletadas informações por meio de entrevistas gravadas em áudio para posterior transcrição.

Esclarece-se que será assegurado tanto à escola e a todos os professores participantes da pesquisa o anonimato e a confidencialidade bem como a possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento. Vale ressaltar ainda que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e de trabalhos que dela se desdobrarão. Desta forma informa-se que uma cópia com o resumo do projeto será disponibiliza a esta instituição de ensino. Informa-se também a disponibilidade para qualquer esclarecimento durante tempo de execução deste projeto nos seguintes contatos: Izelma de Souza Costa e-mail: [izelma.costa@hotmail.com](mailto:izelma.costa@hotmail.com), telefone: 16-98242- 0892 e Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão e-mail: [andrezaleao@fcl.unesp.br](mailto:andrezaleao@fcl.unesp.br), telefone 16- 33 34- 6340.

Na esperança de contar com sua colaboração deixo meus agradecimentos,

Atenciosamente

Izelma de Souza Costa  
Mestranda em educação Sexual – UNESP

**APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA**

Prezado diretor da escola \_\_\_\_\_, eu, Izelma de Souza Costa, aluna do curso de Pós-graduação, em nível de mestrado do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, sob orientação da professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão venho por meio deste solicitar autorização para realizar nas dependências desta instituição de Ensino a pesquisa : “Análise da formação e da prática em educação sexual dos professores de ciências e biologia de algumas escolas estaduais de Macapá-AP”, que tem o objetivo de conhecer a formação e as informações em educação sexual dos professores de Ciências e Biologia através de sua trajetória de formação inicial e continuada, e, em sua prática em sala de aula. Os resultados contribuirão para compreensão da realidade no que diz respeito a esta temática no Amapá.

Nesta etapa do projeto serão coletadas informações por meio de entrevistas gravadas em áudio para posterior transcrição. Por isso, solicito ao senhor/<sup>a</sup> diretor/<sup>a</sup>, a liberação dos professores de Ciências e Biologia, que concordarem em participar deste trabalho, para realizar a coleta de dados no interior desta unidade de ensino.

Esclarece-se que será assegurado tanto à escola e a todos os professores participantes da pesquisa o anonimato e a confidencialidade bem como a possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento. Vale ressaltar ainda que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e de trabalhos que dela se desdobrarão. Desta forma informa-se que uma cópia com o resumo do projeto será disponibiliza a esta instituição de ensino. Informa-se também a disponibilidade para qualquer esclarecimento durante tempo de execução deste projeto nos seguintes contatos: Izelma de Souza Costa e-mail: [izelma.costa@hotmail.com](mailto:izelma.costa@hotmail.com), telefone: 16-98242-0892 e Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão e-mail: [andrezaleao@fcl.unesp.br](mailto:andrezaleao@fcl.unesp.br), telefone 16-3334-6340.

Na esperança de contar com sua colaboração deixo meus agradecimentos,

Atenciosamente, Izelma de Souza Costa

Macapá-AP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2015

---

Diretor/a

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa: “Análise da formação e da prática em educação sexual dos professores de ciências e biologia de algumas escolas estaduais de Macapá-AP”, que tem por objetivo conhecer a formação e as informações em educação sexual dos professores de Ciências e Biologia através de sua trajetória de formação inicial e continuada, e, em sua prática em sala de aula. Os resultados contribuirão para compreensão da realidade no que diz respeito a este temática no Amapá.
2. A pesquisa, utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa, consistirá na aplicação de entrevistas (gravada em áudio) junto aos participantes do estudo para posterior análise dos dados, dessa forma, pretende-se mostrar a relevância deste assunto para que ele obtenha melhor visibilidade no contexto escolar, de modo que os professores possam executar suas atividades acerca da educação sexual. Trata-se de uma pesquisa de mestrado desenvolvida por Izelma de Souza Costa do curso de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob orientação da Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão.
3. O benefício da sua participação na pesquisa será contribuir para a compreensão da realidade da educação sexual nas escolas de Ensino fundamental e Médio da cidade de Macapá, dos desafios, consequências e implicações que os professores enfrentam ao implementá-la em suas aulas.
4. Ao participar deste trabalho você responderá perguntas que podem oferecer riscos e desconfortos como o sentimento de constrangimento, seja ele de cunho emocional e/ou moral. Ademais, sentir-se ameaçado quanto à exposição direta ou indireta de sua privacidade, devido ao teor das questões que abordam assuntos relacionados à sexualidade. Sendo assim, salienta-se que você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento se sentir-se desconfortável e/ou arrependido por ter aceitado participar sem sofrer nenhum tipo de penalidade. Sua decisão será respeitada.
5. Garantimos a indenização diante de eventuais danos causados a você pela participação nesta pesquisa.
6. A qualquer momento da realização desse estudo você poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários e poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo por parte da pesquisadora ou da instituição.



7. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados, e especificamente, nenhum nome, isto é, identificação de pessoas, tampouco locais serão divulgados. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de dissertação, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.
8. A participação no estudo não acarretará custos para você, bem como nada será pago por sua participação.
9. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço de e-mail do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento no futuro.

---

Izelma de Souza Costa  
Izelma.costa@hotmail.com  
(16) 98242-0892

---

Profa. Dr.<sup>a</sup> Andreza Marques de Castro Leão  
andrezaleao@fclar.unesp.br  
(16) 3334-6340

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: [comitedeetica@fclar.unesp.br](mailto:comitedeetica@fclar.unesp.br).

Local e data: \_\_\_\_\_

---

Assinatura do sujeito da pesquisa

## APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA

### *Identificação*

Sexo: ( ) F                      ( ) M                      Idade: \_\_\_\_\_      É professor? \_\_\_\_\_

Curso que se graduou: \_\_\_\_\_

Ano em que se graduou: \_\_\_\_\_

Instituição em que se graduou: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação no magistério (em anos): \_\_\_\_\_

Série (s) que leciona: \_\_\_\_\_

Pós-graduação: (especifique) \_\_\_\_\_

### *Questões*

#### *I- Trajetória de formação*

1. Em algum momento, durante a sua graduação, foram discutidas questões de sexualidade?
  
2. Houve uma disciplina específica ou as discussões se deram em várias disciplinas por meio de artigos, filmes, documentários, em algum módulo, trabalho, seminário, etc.?  
Se *Sim* que assuntos que foram abordados? Se a resposta for *Não*, você sentiu falta desta abordagem?
  
3. Em sua graduação, você foi esclarecido, acerca do que seja educação sexual e de como implementá-la no contexto escolar?
  
4. Sua formação lhe dá embasamento para atuar com esta temática na sala de aula?
5. Se respondeu sim, onde vai buscar subsídios para atuar em sala de aula?
  
6. Quais são as deficiências (dificuldades, dúvidas, receios), em educação sexual, que você acredita possuir, advindas de sua formação inicial?
  
7. Você participa, ou participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à educação sexual? Se sim, especifique e esclareça: quem organiza/ou e qual a duração.

## ***II- Atuação Profissional***

8. O que você compreende por “educação sexual”?
9. Em sua opinião, qual é o professor responsável por realizar a educação sexual na escola?  
Por quê?
10. Após formado/a você já participou de algum curso de formação continuada voltado a sexualidade?  
Se *Sim*, que curso foi este? Aonde foi desenvolvido? Que assuntos foram tratados?
11. Na sua prática pedagógica você já realizou alguma ação com seus alunos, sobre a temática da sexualidade? Se *Sim*, que tipo de ação?
12. Na sua prática pedagógica você abrange temas relacionados à sexualidade?  
Se a resposta for *Sim*, que temas abrange? De que modo? Quais recursos utiliza?  
Se for *Não*, Por quê?
13. No cotidiano da sala de aula você identifica demandas que requerem a educação sexual?  
Se *Sim*, que demandas são estas? Você as compartilha com outros professores e com a coordenação? Que medidas são adotadas?
14. Você se sente profissionalmente qualificado para atender as demandas que surgem com seus alunos no tocante à educação sexual?  
Se *Não*, Por quê?
15. Quais os livros didáticos ou paradidáticos que abordam de forma adequada a educação sexual?

## ***III- Contexto escolar***

16. Qual o papel da escola no que se refere à temática da educação sexual? Ela deve ser a responsável ou não? Se não, quem deve ser responsável?
17. Sua escola tem uma proposta de educação sexual inserida no Projeto Político pedagógico - PPP? Qual o objetivo desta proposta no PPP?

**18.** Você tem conhecimento se a Secretaria de Educação na qual esta unidade educacional está inserida possui alguma proposta de educação sexual para o Ensino Fundamental II/médio? Caracterize-a.

**19.** Enquanto professor, você se sente legalmente amparado para atuar com a temática de educação sexual neste estabelecimento de ensino? Em quais documentos legais e autores você se apoia?

**20.** Se você atua com a temática: De que forma os alunos que estão inseridos nas turmas em que você ministra aulas são atingidos com as suas propostas de educação sexual?

**21** – Como atua com as famílias para inserir a temática na sala de aula?

**22-** Existe resistência e/ou conflito da comunidade escolar (famílias, professores, gestor (a), coordenação, funcionários) diante da inserção da educação sexual? Como lida com a resistência e conflitos?

## ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM ANÁLISE DE CONVERSAÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
1. Indicação dos falantes	Os falantes devem ser indicados em linhas com letras ou alguma sigla convencional	H28 M33 Doc. Inf.
2. Pausas	...	Não... isso é besteira...
3. Efase	MAIÚSCULAS	Ela comprou um OSSO
4. Aglomeramento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)	Eu não to querendo é dizer que... é: o eu fico :: o: tempo todo
5. Silabação	-	Do-minadora
6. Interrogação	?	Ela é contra a mulher machista... sabia?
7. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	( ) (Ininteligível)	Boa gente... tenho aula... ( ) daqui
8. Truncamento de palavras ou desvio sintático	/	Eu... pre / pretendo comprar
9. Comentário do transcritor	(( ))	M. H... é ((rindo))
10. Citações	.. ..	“mai Jandira Ru vô dizê a Anja agora que ela vai a apanhá a profissão de madrinha agora mesmo”
11. Superposição de vozes	[	H28. È ... existe... [você ( ) do homem... M33. você acha... pera aí... pera aí
12. Simulação de vozes	[[	M33. [[mas eu garanto que muita coisa H28. [[eu acho eu acho é a autoridade
13. Ortografia		Tô, tá, vô,. Ahã, mhm